

*Offerecido pelo autor*

A

# FONTE CASTALIA

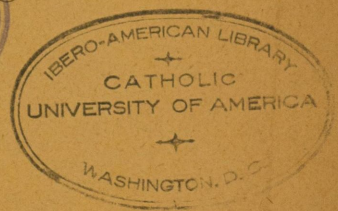
FANTASIA COMICA EM 3 ACTOS

POR

ARTHUR AZEVEDO

MUSICA DE

LUIZ MOREIRA



RIO DE JANEIRO

Livraria Cruz Coutinho, de J. Ribeiro dos Santos, editor

74 RUA DE S. JOSÉ 76

1904



# A FONTE CASTALIA

Fantasia comica em 3 actos

---

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no  
theatro Recreio Dramatico, em de 7 Julho de 1904.

---

DIRECÇÃO DIAS BRAGA

70  
3697  
A95  
F7  
1904

## Peças originaes de Arthur Azevedo

---

- A almanjarra,— com. em 2 actos
- Amor por auxíxins,— com. em 1 acto,
  - O anjo da vingança,— dr. em 3 actos, com Urbano Duarte.
- O badejo,— com. em 3 actos, em verso.
  - O barão de Pituassú,— com-op. em 4 actos.
- O bilontra,— rev. em 1 prologo e 3 actos, com Moreira Sampaio.
- A Capital Federal,— com-op. em 3 actos.
- O carioca,— rev. em 1 prologo em 3 actos, com Moreira Sampaio
- Cocota,— rev. em 4 actos, com Moreira Sampaio.
  - Comeu! — rev. em 3 actos.
  - Casa de Orates,— com. em 3 actos, com Aluizio Azevedo.
- A donzella Theodora,— opereta em 3 actos.
  - E metam-se! — com. em 1 acto.
  - Entre o vermouthe e a sopa,— com. em 1 acto.
- O escravoerata,— dr. em 3 actos, com Urbano Duarte.
- A Fantasia,— rev. em 3 actos.
- Fritzmac,— rev. em 1 prologo e 3 actos, com Aluizio Azevedo.
- Gavroche,— rev. em 3 actos.
- O Homem,— rev. em 3 actos, com Moreira Sampaio.
- O Jagunço,— rev. em 3 actos.
  - Joanico,— opereta em 1 acto.
- A joia,— com. em 3 actos, em verso.
  - Kellar e Fagundas,— entre-acto comico.
  - O Liberato,— com. em 1 acto.
- O Major,— rev. em 1 prologo e 3 actos.
- O Mandarim,— rev. em 1 prologo e 3 actos, com Moreira Sampaio.
  - A Mascotte na,—roça com. em um acto,
- Mercurio,— rev. em 3 actos com Moreira Sampaio.
  - Uma noite em claro,— com. em 1 acto,
- Os noivos, opereta em 3 actos.
  - A pelle do lobo,— com. em 1 acto,
  - A princeza dos Cajueiros,— opereta em 3 actos.
- Pum! — opereta em 3 actos e 6 quadros, com Eduardo Garrido.
  - Republica,— rev. em 1 prologo e 3 actos com Aluizio Azevedo.
  - O retrato a oleo,— com. em 3 actos
  - O Rio de Janeiro em 1877,— rev. em 1 prologo e 3 actos, com Lino de Assumpção.
- O Tribofé,— rev. em 3 actos,
  - Uma consulta,— com. em 1 acto,
- Uma vespera de Reis na Bahía,— com.-opereta em 1 acto.
- A viuva Clark,— com.-opereta em 3 actos,
  - Viagem ao Parnaso,— rev. em 3 actos.

A

*Lucilia Peres,*

*com muita pena de não lhe haver ainda escripto um  
papel digno do seu talento,*

O. D. C.

Arthur Azevedo.



A

# FONTE CASTALIA

FANTASIA COMICA EM 3 ACTOS

POR

ARTHUR AZEVEDO

MUSICA DE

LUIZ MOREIRA



RIO DE JANEIRO

Livraria Cruz Coutinho, de J. Ribeiro dos Santos, editor

74 RUA DE S. JOSÉ 76

1904

# Personagens

Frumencio.....	Sr. Ferreira de Sousa.
Machucho.....	» Olympio Nogueira.
Apollo.....	» Alfredo Silva.
Cupido.....	D. Aurelia Delorme.
Cleonte.....	Sr. Marzulo.
Andronico.....	» Barbosa.
1º Poeta.....	» Bragança.
2º ».....	» Ramos.
3º ».....	» João Silva.
4º ».....	» Pedro Nunes.
5º ».....	» Mendonça.
Azelia.....	D. Lucilia Peres.
Rhóa.....	» Helena Cavalier.
Thalia.....	» Maria de Oliveira.
Clio.....	» Estephania Louro.
Euterpe.....	» Pepa Delgado.
Terpscore.....	» Maria Fornazari.
Polymnia.....	» Maria da Piedade.
Erato.....	» Sophia Galini.
Melpomene.....	» Leonor Lima.
Urania.....	» Anna Graça.
Caliope.....	» Maria Angelica.

Amores, Poetas, Comitiva de Andronico.

O 1º e o 3º acto passam-se n'um paiz de fantasia ; o 2º no cimo do monte Parnazo. Epoca indeterminada.







# A FONTE CASTALIA

---

---

## ACTO II

---

---

Sala em casa de Frumencio. A estatua de Venus. Mesa com preparos para escrever. Cadeiras.

### SCENA PRIMEIRA

AZELIA, depois CLEONTE.

#### DUETTO

AZELIA, entrando.

Na extrema do horisonte  
A aurora despontou:  
Vou ver o meu Cleonte,  
Beijar-lhe os labios vou!

A VOZ DE CLEONTE.

Nos paramos risonhos  
A purpurina aurora  
Doura  
A pudibunda flor...  
Aos olhos meus te guardas!  
Tardas,  
Oh! meu querido amor!

AZELIA.

E' elle ! é elle! . . .

O coração me impelle

E fala-me a razão;

Mas a razão succumbe e vence o coração !

(*Vae* abrir uma janella e acena para a rua). O palco illumina-se. Cleonte entra pela janella.)

AZELIA.

O ! meu Cleonte !

CLEONTE.

Oh ! minha doce amada !

Oh ! que hora afortunada !

Juntos.

Vivamos juntos,

Sempre juntinhos

Quaes dous pombinhos

Meigos e sós !

E, a não gozarmos

Tão bella sorte,

Antes a morte

Nos leve a nós !

CLEONTE.

Eu quero um beijo !

Um beijo só !

Do meu desejo

Meu bem, tem dó !

AZELIA.

Não tens um beijo !

Nem mesmo um só !

Do teu desejo  
Não tenho dó !

(Com faceirice.)

Quando eu fôr sua mulher,  
Dar-lh'os-hei quantos quizer . . .

CLEONTE.

Tenho ou não tenho ?  
Dá ou não dá ?

AZELIA.

Fazes empenho ?  
Pois toma-o lá !

Beijam-se.

CLEONTE.

Deste-me um beijo !  
Deste-me um só !  
Do meu desejo  
Tiveste dó !

AZELIA.

Que tem um beijo  
Quando é um só ?  
Do teu desejo  
Eu tive dó !

CLEONTE.

Podemos conversar sem receio? Teu pae, o sr. Frumencio, ainda está nos braços de Morpheu ?

AZELIA.

Não ! a estas horas já deve estar nos braços das musas ! Não ha nada que o arranque a esse prazer !

CLEONTE.

Azelia, minha Azelia ! como sou feliz quando me deslumbra a luz dos teus olhos e me embriaga o perfume dos teus cabellos !

AZELIA.

Deixa-te de pieguices, e vamos ao que serve. Se

te concedi mais esta entrevista, foi porque tinha que te fazer um pedido. E' preciso acabar com estes encontros !

CLEONTE.

Isso é !

AZELIA.

Eu exponho-me á colera paterna...

CLEONTE.

E eu a uma carga de páo, que é peor ! Não facilitemos !

AZELIA.

E' muito facil dizer: «Não facilitemos !» Mas quem pôde sopitar os arroubos de um coração de dezete annos ?

CLEONTE.

Quem pôde resistir a uma janella de um metro e cincoenta centimetros de altura ?

AZELIA.

Ha um unico meio de acabar com isto : o hymineu !

CLEONTE.

Do hymineu tenho-te eu falado um milhão de vezes, e, se até hoje ainda não pedi a tua mão, não te deves queixar senão de ti mesma. A cúlpa tem sido tua.

AZELIA.

E' verdade que te tenho aconselhado que o não faças; hoje, porém, penso o contrario.

CLEONTE.

O contrario ? Ainda bem ! Mas que motivos te levaram a aconselhar-me que te não pedisse ao velho ?

AZELIA.

Pois não t'os disse?

CLEONTE.

Nunca !

AZELIA.

O papá tem a mania de fazer versos sem que para isso fosse fadado pela natureza.

CLEONTE.

Invicta Minerva !

AZELIA.

Não fala n'outra coisa : é poesia para cá, poesia para lá ! Tem até um criado que faz versos, e mesmo os improvisa !

CLEONTE.

O Machucho ?

AZELIA.

O Machucho. Não sabes que é obrigado a não falar senão em verso ?

CLEONTE.

Devéras ?

AZELIA.

Foi essa uma das condições da sua admissão nesta casa.

CLEONTE.

Foi por isso que o outro dia, estando teu pae a tomar fresco ali na praça, aproximou-se d'elle o Machucho, e disse-lhe :

«Meu amo, está posta a mesa;  
Vá para casa jantar;  
A menina com certeza  
Não póde mais esperar !»

AZELIA.

Vê tu que desaforo ! O metro e a rima obrigaram-  
no a pregar uma mentira :

«A menina com certeza  
Não póde mais esperar ! »

CLEONTE.

Julguei que estivesse maluco !

AZELIA

Malucos me parecem ambos ! O papá, quando quer  
fazer versos, bate na testa, olha para o tecto, conta as  
syllabas nos dedos, faz trinta mil caretas, e...

CLEONTE.

E não consegue nada !

AZELIA.

Nada ! — Afinal, chama pelo Machucho e...

CLEONTE.

E' original !

AZELIA.

Mas vamos ao que importa : acho que o papá não  
será capaz de dar-me em casamento a um homem que  
não seja poeta. Todos os dias me diz : — Minha filha,  
a prosa é terrena e vil, a poesia é celeste e nobre !  
Não te engraces de algum pingapulha que não conheça  
as nove filhas de Apollo ! —



CLEONTE, resolutamente.

Ora ! hoje mesmo venho pedir-te ! — Teu pae provavelmente perguntará se sou poeta. Nada mais simples : dir-lhe-ei que sim...

AZELIA.

E depois ?

CLEONTE.

Depois, não me custará ter tambem, como elle, o meu alter-ego. Quando estivermos casados, confessar-lhe-ei a verdade, e elle nada poderá fazer.

AZELIA.

Bravo ! E's decidido !...

CLEONTE.

Virei hoje mesmo.

AZELIA.

Não te acanhes. Apresenta-te com todo o desembaraço.

CLEONTE.

Tranquillisa-te ! (Ouve-se Frumencio tossir.)

AZELIA.

Ahi vem o papá ! Foge !...

CLEONTE.

Ora ! no melhor da festa ! (Beija-a e salta pela janella. Frumencio entra a ler um papel.)

AZELIA, consigo, enquanto Frumencio desce ao proscenio.

Ora ! Elle podia ter ficado... O papá, quando está com a musa, não dá pela presença de ninguem !

SCENA II

AZELIA, FRUMENCIO.

FRUMENCIO, lendo o papel que traz na mão.  
No seu carro dourado o dino Phebo  
Vem dando ao horizonte rubra côr...  
Pensa e repete pausadamente.  
Vem dando ao horizonte rubra côr...

AZELIA.

Bom dia, papá. Como passou a noite ?

FRUMENCIO, sem lhe dar ouvidos.

Vem dando ao horizonte rubra côr...

AZELIA, aparte.

E' sempre assim ! (Alto.) Papá, como passou a  
noite ?

FRUMENCIO.

Adeus.

«No seu carro dourado o dino Phebo...

<sup>1</sup>Sem olhar para Azelia.

O' menina ?

AZELIA.

Papá ?

FRUMENCIO.

Da cá uma rima para Phebo.

AZELIA.

Cégo.

FRUMENCIO.

Céga estás tu, minha tonta !

«No seu carro dourado o dino Phebo

Vem dando ao horizonte rubra côr...»

Não fica bem ! Este «dino Phebo» é o diabo !  
( Compondo. )

«No seu carro dourado o Phebo dino... »

«Phebo dino» ainda é peor que «dino Phebo !»  
Parece que se trata de alguém que se chama Phebo-  
dino.

«No seu carro doirado Phebo... divino...»

Já não sei a quantas ando ! ( Chamando ) O' Machu-  
cho ! ( Limpa o suor e continúa. )

«No seu carro dourado... Phebo... Phebo...»

## COPLAS

### I

Oh, que inferno ! Fico tonto !  
Tenho as fontes a estalar !  
Prompto ha muito, ou quasi prompto,  
Isto aqui devia estar !  
Perco a bola ! perco o juizo !  
Doido a musa me ha de pôr !  
Nunca faço um improviso  
Sem tres dias de labor !...

### II

Por meu estro embalde puxo !  
Que terrivel situação !  
Ja chamei pelo Machucho.  
Para dar-me uma demão...  
De um auxiliar preciso !  
Ai ! como isto é massador !  
Nunca faço um improviso  
Sem um collaborador !

SCENA III

AZELIA, FRUMENCIO, MACHUCHO.

FRUMENCIO, a Machucho que entra.

Ah vem cá, Machucho ; tira-me deste embaraço metrico. Quero dizer em verso a coisa mais natural deste mundo, quando é em proza. Amanhã faz annos o commendador Andronico, meu velho amigo. E' meu costume felicitar-o todos os annos com um improviso. O commendador faz cincoenta annos. Principiei assim :

«No seu carro doirado o dino Phebo  
Vem dando ao horizonte rubra côr...»

MACHUCHO, tirando um lapis.

Cá vae o forceps !

(Toma o papel com ares de importancia, escreve e lê o que escreveu depois de concertar a garganta e bater na testa .)

No carro seu doirado a roxa aurora...

FRUMENCIO, satisfeito.

Sim, senhor ! não me lembrei da roxa aurora.

MACHUCHO.

«Vem dando aos horizontes rubra côr...»

FRUMENCIO.

Esse «rubra côr» não esta duro, Machucho ?

MACHUCHO.

«Duro ? Não, senhor meu amo !  
E' mesmo phrase elegante !  
Se rubra em vogal termina,  
Côr principia em consoante.

FRUMENCIO, a Azelia, que se tem conservado afastada.  
Que cabeça ! . . .

MACHUCHO, lendo

«No carro seu doirado a roxa aurora  
Vem dando aos horizontes rubra côr ;  
Em dia tão gentil se commemora  
O anniversario do commendador !

FRUMENCIO, enthusiasmado.

Da-me um abraço, vate ! . . .

MACHUCHO, modestamente.

Uma honra assim tamanha  
Eu não mereço de certo ;  
Mas, emfim, como o deseja,  
Nos meus braços o aperto.

(Abraça-o.)

FRUMENCIO.

Agora, vou para a quietude do meu gabinete improvisar as outras estrophes. Em eu precisando de ti . . .

MACHUCHO:

E' só gritar por meu nome !  
Lá irei ter ás carreiras,  
Dar-lhe uma demão ao estro . . .

( Procurando a conclusão. )

Dar-lhe uma de mão ao estro . . .

FRUMENCIO, fechando a cara.

Conclue a quadrinha ! Conclue a quadrinha, ou vae multa ! . . .

MACHUCHO, vivamente.

Com meia duzia de asneiras !

FRUMENCIO, satisfeito.

Amm... ( Sahindo. )

No carro seu doirado a roxa aurora etc.  
( Perde-se a voz no bastidor. )

## SCENA IV

AZELIA, MACHUCHO.

AZELIA.

Forte mania !

MACHUCHO.

Que quer a menina ? Aquillo anda-lhe na massa do sangue ! Nunca me hei de esquecer daquelle dia em que li no jornal um annuncio concebido nos seguintes termos : «Precisa-se de um poeta, que faça e improvise versos. Quem se achar nas condições, dirija-se á rua tal numero tantos. Paga-se bem, agradando.» A menina quer saber quem eu era ? Ouça :

( Recita ao som da musica. )

Eu era um pobre trovador de esquina ;  
Sempre mofina a minha sorte foi ;  
Desenvolvia intelligencia e arte  
P'r'a minha parte conquistar do boi.

Passava as bellas noites ao relento,  
A' chuva, ao vento, e era o meu leito o chão,  
E nisso achava singular delicia,  
Quando a policia não me punha a mão.

Mas não vi nunca no xadrez infame  
Negro vexame, rispido labéo ;  
Olhava o povo a passear na rua,  
Olhava a lua a passear no céo.

Ai ! quantas vezes celicas venturas  
Lá nas escuras estações gozei !  
Mesmo entre ferros negros e medonhos,  
Sonhava sonhos que não sonha um rei !

Nisto, menina, do seu pae o annuncio  
Foi o prenuncio de um viver melhor !  
Abençoadas essas quatro linhas !  
Emprego tinhas, vagabundo-mór !

Vim para casa de seu pae, menina...  
Fome canina não padeço já !  
Levo de perna alçada o dia inteiro;  
Ganho dinheiro e não me canso, — ahí esta !

Todas essas regalias sob a condição de só falar em verso quando estiver em presença de seu pae. Nas respostas devo empregar redondilhas em quadras, rimando a segunda com a quarta. Nos recados, quadras também, rimando o primeiro verso com o quarto e o segundo com o terceiro. Todas as vezes que me faltar a rima, pagarei uma multa, que será descontada no fim do mez, salvo o caso do verso solto, em endecassyllabos, admissivel nas longas narrações.

AZELIA.

Não sabia desse regulamento.

MACHUCHO.

Aceitei resignado e contente o meu difficil papel,  
e desde então...

A VOZ DE FRUMENCIO.

Machucho !

MACHUCHO.

Lá está, elle a chamar-me !

A VOZ DE FRUMENCIO.

Machucho !

MACHUCHO.

Lá vae quadra ! ( Gritando.)

Eu ahi vou, senhor meu amo,  
Sem me fazer esperar . . .

( Sae a correr. Não se ouve o resto. )

## SCENA V

AZELIA.

(Vae á janella e volta tristemente ao proscenio. )

Se o papá se lembra de pôr á prova a veia poetica do meu amado, aqui, antes de lhe conceder a minha mão e sem que elle tenha tido tempo de se preparar, está tudo perdido . . . Oh, Cleonte, Cleonte do meu coração ! porque não és tu poeta ? Porque não te aqueceu no berço o bafejo ardente das musas ? Ingratas musas ! O meu Cleonte, comtudo, faz poemas.. Fal-os no coração, mas não os escreve : sente-os.

## ROMANCE

### I

Infelizmente o meu amor  
Versos fazer não sabe . . .  
Meu bello sonho, encantador,  
Receio que desabe !  
Mas, diga o velho o que disser,  
Delle serei sómente !



Meu coração deseja e quer

Ser delle eternamente !

( Dirigindo-se á estatua. )

Venus, deusa do amor, de mim tem dó !

Vê que o meu coração é delle só !

II

Não quero mais viver assim,

Longe do meu amado,

E elle viver longe de mim

Tambem não quer, coitado !

Se elle commigo não casar,

Eu perderei a vida,

E a imprensa toda ha de falar

De mais uma suicida !

Venus, deusa do amor de mim tem dó !

Vê que o meu coração é delle só !...

SCENA VI

AZELIA, MACHUCHO.

MACHUCHO, falando para dentro.

Para agradar ao meu amo,

As minhas idéas puxo ;

Em precisando outra estrophe,

E' só chamar o Machucho !

( Ouve-se tocar uma campainha )

Tocaram. Quem será tão cedo ? (Vae espreitar á porta)

AZELIA, a parte.

Será elle ? (A Machucho.) Quem é ?

MACHUCHO.

Um moço.

AZELIA.

Louro ?

MACHUCHO.

Sim, senhora.

AZELIA.

Estatura regular ?

MACHUCHO.

Sim, senhora.

AZELIA.

Bonito ?

MACHUCHO.

Sim, senhora.

AZELIA.

E' elle !

MACHUCHO.

Sim, com certeza não é ella.

AZELIA.

Sabes quem é ?

MACHUCHO.

Sei ; é elle.

AZELIA.

Elle quem ?

MACHUCHO.

Não sei.

AZELIA.

Sei eu.

MACHUCHO.

Quem é ?

AZELIA.

Mais tarde saberás. (Vae espreitar e volta muito contente.)  
E' elle ! é elle !... Tra lá lá lá !... Coitado, está  
tão impaciente que veio antes do almoço ! Fal-o entrar:  
vem procurar o papá ! (Sabindo a dançar.) Tra lá lá lá !  
(Sae.)

### SCENA VII

MACHUCHO, depois CLEONTE.

MACHUCHO.

E' elle, não é ella, quem é, não sei, sei eu, é  
elle, tra lá lá lá ! Um... Aqui anda coisa... Meu amo,  
em vez de se occupar da familia, anda ás voltas com  
a musa... Ha de dar bons burros ao dizimo ! Isto de  
fazer versos não leva um homem a boa coisa... Eu  
que o diga ! (Novo toque de campainha.) Lá vae ! lá vae !  
(Abre a porta entra Cleonte).

CLEONTE.

O Sr. Frumencio ?

MACHUCHO.

Está com a musa.

CLEONTE.

Com a...? (Comprehendendo.) Ah, sim, já sei, faz ver-  
sos. A fama poetica do Sr. Frumencio chegou aos  
meus ouvidos. Faz bem, faz muito bem ! A prosa é  
terrena e vil, a poesia celeste e nobre.

MACHUCHO.

O cavalheiro é poeta ?

CLEONTE.

Porque me faz essa pergunta ?

MACHUCHO.

E' que talvez viesse por causa de certo annuncio...  
Previno-o, porém, do que o logar está occupado.

CLEONTE.

Tranquillise-se : não alugo o meu talento. —  
Posso falar ao Sr. Frumencio, ou elle, quando está  
com a tal musa, não quer que o interrompam ?

MACHUCHO.

Não sei... mas creio que lhe dará audiencia.

CLEONTE.

Nesse caso, vá prevenil-o da minha visita. Não  
declino o meu nome; seria ocioso : o Sr. Frumencio  
não me conhece. (Senta-se)..

MACHUCHO, sahindo a gritar.

'Stá cá fóra um cavalheiro  
Que lhe deseja falar...

(Perde-se o resto no bastidor. Cleonte ergue-se assustado).

CLEONTE, tranquillizando-se.

Ah ! sim, não me lembrava... aquillo é por obri-  
gação.

## SCENA VIII

CLEONTE, depois FRUMENCIO.

CLEONTE.

A minha coragem vae pouco a pouco affrouxau-  
do. Nunca me senti tão pouco poeta, nem tão apai-

ronado ! Se antes do pae, me apparecêsse a filha, ella  
me daria animo... Vem alguem... E' elle, é o Sr. Fru-  
mencio...

FRUMENCIO, entrando a ler um papel, como na outra scena.

Nove lustros ha já que veio ao mundo  
Para a ventura fazer do povo...

CLEONTE.

Sr. Frumencio...

FRUMENCIO, sem se distrahir, olhando para o tecto.

Nove lustros já ha...  
Nove lustros ha já...  
Ha já lustros nove...  
Já ha nove... já nove ha...

(De máo humor.)

Sebolorio !

CLEONTE, aparte.

Máo ! (Alto) Sr. Frumencio...

FRUMENCIO.

Lustros nove ha já...  
Já ha nove lustros...

(De máo humor.)

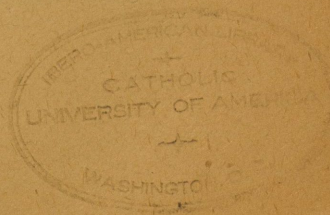
Pilulas !

CLEONTE.

Sr. Frumencio... (Aparte.) O melhor é voltar n'outra  
ocasião !

FRUMENCIO.

Já lustros nove ha...  
Ha nove lustros já...



(Agrada-lhe o principio do verso.) Heim ? Ora graças !  
Ha nove lustros ja que veio ao mundo,  
Para a ventura deste povo fazer...  
Está comprido !

CLEONTE.

Sr. Frumencio...

FRUMENCIO, sem desviar os olhos do papel.

Viva ! (Contando as syllabas nos dedos.)

Pa-ra a ven-tu-ra des-te po-vo fa-zer.  
Tem uma syllaba de mais !

(Compondo.)

Para a ventura...

(Contando as syllabas como acima.)

Pa-ra a ven-tu-ra fa-zer do po-vo.  
Tem uma syllaba de menos !

CLEONTE.

Sr Frumencio...

FRUMENCIO, como acima.

Viva !

(Compondo.)

Para a ventura realisar do povo...

(Agrada-lhe o verso e fala muito depressa, sem desviar os olhos do espaço.)

Depressa ! Depressa ! Uma rima para povo !

(Estende o braço a Cleonte, como para receber a rima e estala os dedos com impaciencia.)

CLEONTE, atarantado.

Heim?

FRUMENCIO.

Uma rima para povo !

CLEONTE.

Ovo!

FRUMENCIO.

Ovo! (Olha admirado para Cleonte, e cae em si, guarda os versos e cumprimenta-o.) Senhor...

CLEONTE.

Sr. Frumencio...

FRUMENCIO.

Desculpe se o fiz esperar. A musa deu-me uma esfrega que me deixou a suar. (Reconhece que fez dous versos sem querer, e repete.)

A musa deu-me uma esfrega,  
Que me deixou a suar.

CLEONTE, aparte.

Está doido!

FRUMENCIO.

Como são as coisas! Batalho o dia inteiro para arranjar um verso, ao passo que agora, involuntariamente, sem me sentir, improvisei dous! Sente-se, meu caro senhor, sente-se; mas, antes de dizer o que o trouxe, permitta que eu tome nota deste improviso sporadico e adventicio... (Vae á mesa escrever.)

CLEONTE.

Pois não! á vontade! (Senta-se.)

FRUMENCIO, escrevendo.

A Musa... em... em... em... em... a suar. Muito bem. (Guarda o que escreveu e vem sentar-se perto de Cleonte.) Nós, os poetas, devemos ter sempre bem presente o adagio: Guarda o que não queres. .

CLEONTE.

... e acharás o que precisas.

FRUMENCIO.

Quem sabe se estes dous versos não me poderão servir n'alguma oportunidade? (Outro tom.) Estou ás suas ordens.

CLEONTE, aparte.

E' agora! (Alto, tossindo.) Hum! hum!

FRUMENCIO, tossindo.

Hum! hum!... (Aparte.) Vem pedir-me versos...

CLEONTE.

Sr. Frumencio...

FRUMENCIO, aparte.

Versos ou dinheiro.

CLEONTE.

Como?

FRUMENCIO, aparte.

Prefiro que sejam versos.

CLEONTE.

Dizia?

FRUMENCIO.

Cá falo. Sou todo ouvidos.

CLEONTE.

Sr. Frumencio, eu sou um homem independente.

FRUMENCIO, aparte.

Não é dinheiro que me vem pedir...



CLEONTE.

Autorisado por sua filha, a minha adorada Azelia, venho pedir-lh'a em casamento.

FRUMENCIO.

Quer casar-se com minha filha ! Homem ! por esta não esperava eu !

CLEONTE.

Sou de boa familia, tenho bons costumes e gozo de perfeita saude.

FRUMENCIO.

Tudo isso é muito bom, mas para mim não é o essencial... Diga-me cá uma coisa: é poeta ?

CLEONTE.

Heim ?

FRUMENCIO.

Pergunto se é poeta, se sabe fazer versos...

CLEONTE.

Sou... sei... (Gesto de satisfação de Frumencio.) Isto é...  
(Frumencio encara-o muito serio. (om resolução.) Sou !

FRUMENCIO.

E' ?

CLEONTE.

Sou.

FRUMENCIO.

Ainda bem !

CLEONTE.

Não sou, talvez, um poeta da força do Sr. Frumen-

cio... não componho nem improviso com tanta facilidade... mas, emfim... dou o meu recado. (Inflanmmando-se)  
A prosa é terrena e vil, a poesia é celeste e nobre!

FRUMENCIO.

Isso mesmo costume eu dizer cá em caza.

CLEONTE.

Pois sua filha, a filha de um poeta, era lá capaz de gostar de um homem que não soubesse cultivar as sete filhas de Apollo!

FRUMENCIO.

Sete?

CLEONTE.

Pois não são sete? (Aparte.) Ai! ai!

FRUMENCIO.

As musas são nove, meu caro senhor.

CLEONTE.

Nové?

FRUMENCIO.

Não me consta que alguma houvesse morrido.

CLEONTE.

Não quero teimar, mas contemos... (Conta nos dedos.)  
Dó, ré, mi, fá...

FRUMENCIO.

Isso são notas de musica!

CLEONTE.

Ah! tem razão! tem razão! Onde tenho eu a cabeça? E' o amor que me desorienta!

FRUMENCIO, naturalmente.

Uma vez que o senhor é poeta, peça-me a mão da pequena em verso.

CLEONTE, aparte.

Oh ! diabo !

FRUMENCIO.

Vamos ! Ande ! Improvise ! Não esteja a pensar !

CLEONTE.

Mas...

FRUMENCIO.

Não ha mas nem meio mas ! E' poeta ou não é poeta ?

CLEONTE

Dou o meu recado...

FRUMENCIO

Pois bem ! venha o pedido ! Se o não fizer, grogotó....

CLEONTE.

Grogotó ?

FRUMENCIO.

Galhetas Grogotó galhetas, que é o legitimo grogotó ! ( Levanta-se. )

CLEONTE, aparte.

E eu que nunca fiz um verso ! ( Levanta-se. )

FRUMENCIO.

Então ? Em que ficamos ?

CLEONTE, aparte.

Ora ! Saia o que sahir ! (Balbuciando.)  
Eu venho pedir-lhe a mão  
Da senhora sua filha,  
Porque por ella bate o meu peito...

FRUMENCIO.

Está duro !

CLEONTE.

O meu peito ?

FRUMENCIO.

O verso. Diga outra vez do principio.

CLEONTE.

Eu venho pedir-lhe a mão  
Da senhora sua filha,  
Porque por ella bate o meu peito...

FRUMENCIO.

Aposto que vae concluir assim :  
E ella é uma maravilha ?

(De máu humor.)

Pois, meu senhor, não m'a pilha !

CLEONTE.

Perdão ! eu não ia concluir assim...  
Eu venho pedir-lhe a mão  
Da senhora sua filha,  
Porque por ella bate o meu peito  
E quero pertencer á familia.

FRUMENCIO.

Isso não é verso.

CLEONTE.

Mas é verdade.

FRUMENCIO.

Pois bem, vae ver como sou razoavel e condescendente. Faça-lhe uma concessão. Vou fechal-o durante um quarto de hora nesta sala.

CLEONTE.

Fechar-me!

FRUMENCIO.

Durante esse tempo ha de escrever uma ode em que me peça a mão da pequena com todos os ff e rr. Se ao cabo d'esse quarto de hora não tiver feito nada, jamais será meu genro!

CLEONTE.

Mas...

FRUMENCIO.

Jamais! (Depois de fechar as portas e janellas.) Tomo estas precauções, porque tenho um famulo que é poeta, e pôde vir dar-lhe cola. Aqui tem papel e tinta. Até logol São sete horas e um quarto; voltarei ás sete e meia.

CLEONTE.

Mas, Sr. Frumencio...

FRUMENCIO.

Olhe... deixo-o em companhia de Venus. Ella que inspire! Sae e fecha a porta.)

## SCENA IX

CLEONTE.

Que situação! Enfim... (Senta-se á meza e escreve.) Sr. Frumencio... Ora Sr. Frumencio! "Sr. Frumen-

cio'' é o começo de uma carta, e não de uma ode ! (Depois de pensar alguns instantes, ergue-se e atira fóra a penna.) Não arranjo nada ! . . .

## COPLAS

### I

Qual ! o que ! não é possível !  
Nenhuma idéa me accode !  
Pois se até — que coisa horrivel ! —  
Não sei o que seja ode !  
Nem uma pobre quadrinha  
Engendra o cerebro meu !  
Azelia, não serás minha !  
Azelia, não serei teu !

### II

Estou frito, porque, em summa,  
Confesso que, até esta data,  
Jamais pedi coisa alguma  
Que não fosse em prosa chata !  
Se a deusa não me apadrinha,  
Se não ouve o rogo meu,  
Azelia, não serás minha !  
Azelia, não serei teu !

(Dirigindo-se á estatua.) O' Venus ! tu que és a deusa do amor, tira-me deste embaraço !

A ESTATUA.

Não posso !

CLEONTE, recuando.

A estatua fala !

A ESTATUA.

Sou a deusa do amor, não a deusa da poesia. Só Apollo, meu irmão, te póde dar o condão que invocas !

CLEONTE.

Apollo?

A ESTATUA.

Sim! Vou te mandar Cupido! Elle te levará, no meu carro, ao monte Parnazo, onde Apollo te fará beber a agua da fonte Castalia.

(Forte na orchestra. Desapparece a estatua, apparecendo no seu lugar uma gruta de flores, deslumbradamente illuminada, por onde entra Cupido, acompanhado de uma duzia de Amores.)

### SCENA X

CLEONTE, CUPIDO, AMORES.

CLEONTE, estupefacto.

Oh!...

CORO DOS AMORES.

Eis o estado maior de Cupido,  
A brilhante phalange do Amor,  
Sempre ás ordens do deus atrevido,  
Que é de todos os homens senhor!

(Os Amores percorrem a scena fazendo varias evoluções e alinham-se no proscenio.)

CUPIDO.

COPLAS

I

Sou bastante conhecido,  
Conhecido em toda parte,  
O maroto do Cupido,  
Filho de Venus e Marte.

O meu pae não era esse,  
Pois Vulcano ser devia...  
Antes mesmo que eu nascesse  
Travessuras já fazia.

Na terra em tudo ha mudança,  
Mas eu cá, por ser divino,  
Hei de ser sempre criança,  
Hei de ser sempre menino !

CÔRO.

Ha de ser sempre criança !  
Ha de ser sempre menino!...

CUPIDO

II

Julgam todos nesta bola  
( Isso até me causa riso ! )  
Que eu, por ser um criançaola,  
Não tenha muito juizo...  
Outros dizem que sou cego,  
Mas esta é a verdade crua:  
Sou capaz de ver um prégo  
Espetado lá na lua !  
Na terra em tudo ha mudança, etc.

CLEONTE.

Cupido!... Pois tu és Cupido?...

CUPIDO.

Venus, minha mãe, ouviu a tua invocação... e  
mandou-me á tua presença, para tratar dos teus interes-  
ses amorosos.

CLEONTE.

Devéras?... Não sei como agradeça!...



CUPIDO.

Senta-te áquella meza e escreve o que te vou dictar.  
(Cleonte obedece.) «Sr. Frumencio»...

CLEONTE.

«Sr. Frumencio» já está. Era o principio da minha  
ode.

CUPIDO, dictando.

«O estro não aceita imposições. Dentro de quinze  
dias voltarei á sua casa, e submeter-me-ei a todas as  
provas.» Assigna.

CLEONTE.

Prompto!

CUPIDO.

Agora, vem commigo!

CLEONTE.

Aonde me levas?

CUPIDO.

A' presença de Apollo!

CLEONTE.

Era então certo o que dizia a estatua?

CUPIDO.

Só Apollo te poderá conceder o que o pae da tua  
namorada exige. Estás prompto a acompanhar-me?

CLEONTE.

Estou! vamos!

CUPIDO.

Vamos! Mar...r...cha!... (A orchestra executa uma  
marcha. Cleonte e Cupido saem pela gruta, acompanhados por todos os  
Amores. A gruta desaparece; a scena retoma o seu aspecto primitivo.)

SCENA XI

FRUMENCIO, depois AZELIA e MACHUCHO.

FRUMENCIO.

Passou o quarto de hora. (Vendo a scena vazia.) Heim? Já cá não está! Por onde sahiu elle? Querem ver que foi procurar inspiração em baixo da meza? (Levanta o panno da meza.) Não! E esta? (Vendo o papel.) Ah! (Lendo.) «Sr. Frumencio... O estro não aceita imposições...» Bem, bem, este primeiro verso não está máo.

O estro não aceita imposições...

Dentro de quinze dias voltarei...

Tambem não é máo... (continuuando a leitura.)... «voltarei á sua casa, e submetter-me-ei...» (Declamando.) Mas isto não são versos! (Continuuando a leitura.) «... e submetter-me-ei a todas as provas!» E' uma carta, uma desculpa! Fugiu! Mas por onde? Quem vae dar o cavaco é a pequena, a quem disse tudo. Ella ahi vem!

AZELIA, entrando, acompanhada por Machucho.

Então, papá?

FRUMENCIO.

Menina, esquece-te d'elle! Não é poeta! Fugiu covardemente, e, ao que parece, pelo buraco da fechadura! Aquelle nunca mais cá põe os pés!

AZELIA.

Ah! (Cae desmaiada nos braços de Machucho.)

FRUMENCIO.

Azelia! minha filha! Desmaiada!...

MACHUCHO.

Isto passa... E' um faniquito á tôa!...

FRUMENCIO.

Não me fales em prosa, Machucho !

MACHUCHO.

Mesmo nestas circumstancias?

FRUMENCIO.

Em quaesquer circumstancias !

MACHUCHO.

Pobre menina, coitada !

Muito padece quem ama !

Ajude-me a carregar-a;

Vamos leval-a p'ra cama.

(Levam Azelia desmaiada.)

— — —  
Mutação. Apotheose. Cupido e Cleonte atravessam o espaço, levado a  
no carro de Venus, puxado por pombo  $\frac{2}{2}$ , e acompanhado por uma revoada  
de Amores.





## ACTO II

---

● cimo do monte Parnazo. A'direita, ao fundo, a fachada de um rico palacio de marmore de côres variegadas, todo embutido de pedras preciosas. A' esquerda a fonte Castalia e um throno, o throno de Apollo, ornado de relva e flores, muitas flores. Paisagem grega ao fundo, em perspectiva. Sol ardente.

### SCENA PRIMEIRA

RHÉA

(Ao levantar o panno a scena está vazia. Ouve-se o côro dos poetas, cantado nos bastidores.)

### CORO INTERNO

Nos todos que subimos  
Ao apollineo monte,  
E na Castalia fonte  
Bebemos uma vez,  
Sentimos, sim, sentimos  
O sacro fogo ardente  
Que nos escalda a mente  
E tanto bem nos fez.

Um dom não ha mais nobre  
Que a candida poesia;  
As almas enebria  
Da poesia a voz;  
E' pobre, é mais que pobre  
Quem, desgraçadamente,

No cerebro não sente  
O que sentimos nós.

(Aos ultimos compassos do côro, Rhéa sae do palacio e fecha a porta á chave. Traz algumas lyras de ouro debaixo do braço e um espanador; da cinta pende-lhe um molho de chaves.)

RHÉA.

Eu sou, senhores, a famosa Rhéa,  
Quasi uma semi-déa,  
Que Apollo outr'ora amou e hoje desdenha,  
Sem que saudades do passado tenha.  
Os deuzes são assim... Apollo, ao menos,  
Para que os dias meus corram serenos,  
E, depois de ter sido sua amiga,  
Eu não vire mendiga,  
Guarda me fez do hospicio dos poetas,  
E assim vou supportando  
Minhas magoas secretas,  
Suspiros a soltar de vez em quando.  
Este paiz, da natureza um mimo,  
Chama-se Phocida. Isto aqui é o cimo  
Do Parnazo, a montanha alta e famosa  
Onde ninguem pôde falar em prosa.

(Apontando para o palacio.)

E' dos poetas o hospicio  
Aquelle immenso e fulgido edificio  
De esmeraldas, topazios e saphiras,  
Onde exerço as funcções de limpa-lyras.

(Apontando para a fonte.)

E' curiosa a historia  
Desta fonte marmorea:  
Apollo é das Arabias;  
Mais que ninguem tem labias,

E se alguma coitada lhe respinga,  
Bem cruelmente o barbaro se vinga.  
Era uma vez certa mulher bonita,  
Que poz muit'alma afflicta,  
Muita cabeça fez andar á roda,  
Deu que falar, enfim, e andou na moda.  
Apollo um dia a vê, e, de repente,  
O coração lhe abrasa amor ardente.  
Ella, a principio, finge que concorda,  
Mas, passado algum tempo, róa a corda.  
Elle manda trazel-a para o monte,  
E záz! transforma a pobresinha em fonte!

Que vingança do bruxo!  
Ser mulher e passar a ser repuxo!  
Para tornar pungente a reprezalia,  
O nome della, o nome de Castalia  
Ficou á fonte. Singular virtude  
Têm estas aguas; não é dar saude,  
Porém quem dellas bebe  
O dom das musas logo ali recebe,  
Fala em verso quer queira quer não queira!  
Eu poetiza me fiz dessa maneira!

Confesso: não queria,  
Porque sempre embirrei co'a tal poesia;  
Mas quando aqui cheguei, quiz beber agua.  
Não bebi: abrasei-me em dura fragoa!...

Mas, no dia seguinte;  
Apollo, por accinte,  
Me poz a lingua secca,  
E tive uma enxaqueca... ai! que enxaqueca!...  
O meu supplicio vêde:  
Ou dizer versos ou morrer de sêde!  
Prefiri dizer versos... Que castigo!...

Desde então não consigo  
Falar em prosa vil, porque, sem rima,  
Não pôde haver ninguém que aqui se exprima,  
Mesmo quando no somno se acha immerso,  
Porque, se sonhar alto, sonha em verso !

(Musica.)

Apollo, o meu senhor, ahí vem de volta,  
Trazendo as novas musas por escolta,  
Que sahir o não deixam sem que o sigam.  
Bôas pequenas, cada qual mais viva.  
Ellas querem (duvido que o consigam)  
Que eu volte da reserva para o activa.

## SCENA II

RHÉA, APOLLO, AS MUSAS.

(Apollo e as Musas entram alegremente, trazendo cada qual um guarda-sol aberto.)

### COPLAS

APOLLO.

I

Se bem que Apollo eu seja,  
Um deus sadio e forte,  
E, como deus, esteja  
Livre da morte,  
Dou quotidianamente  
Um matinal passeio,  
Pois se ficasse doente.  
Seria feio.

Eis o deus da poesia,  
Deus da égloga e da ode !  
Com tamanha galhardia  
Outro deus haver não pôde !



AS MUSAS.

Eis o deus da poesia, etc.

APOLLO.

II

Não saio sem commigo  
Levar as musas minhas...  
Pois correriam p'rigo  
Aqui sosinhas...  
Talvez que escorregassem...  
Eis todo o meu receio.  
As musas, se pintassem,  
Seria feio.

Eis o deus da poesia, etc.

APOLLO.

Cessem os cantos! (A Rhéa.) Olá!

RHÉA.

Que desejas?

APOLLO.

O serviço

S'tá feito?

RHÉA

Não penses nisso:

Ha muito que feito está.

APOLLO.

Já deste almoço aos poetas?

RHÉA.

Nenhum de almoço precisa  
Quando aspira a doce brisa  
Das madrugadas quietas.

APOLLO.

Manda lavar o cavallo;  
Quero o Pegaso bem limpo:  
Tenho que ir logo ao Olympo!

RHE'A.

Bom. Eu vou mandar lavar-o.

(Sahindo, aparte.)

Outr'ora tanta zumbaia!  
Hoje tanta grosseria!  
Sorte cruel, sorte impia!...  
Passei de amante a lacaia!...

(Sao)

### SCENA III

APOLLO, as MUSAS.

THALIA.

Coitadinha!

TODAS.

Coitadinha!

APOLLO.

Que têm vocês, minhas filhas?

THALIA.

Porque d'esse modo a humilhas?

EUTERPE.

Sorte não ha mais mesquinha!

APOLLO.

Então querem que eu a deixe?  
Que a ponha no olho da rua?  
Ella tem fome? Anda nua?  
Não! Pois então não se queixe!

ERATO.

Rhéa nunca se lastima...

THALIA.

Porém a gente deplora  
Que aude tão por baixo agora  
Quem andou já tão por cima.

APOLLO.

Apanha taes ladainhas  
Porque commigo ficou;  
Nunca ninguém lamentou  
As outras amantes minhas!  
E tive muitas! Erbea,  
Chione, Cleobula, Climene,  
Corícia, Clizia, Melethe,  
Aria, Coronide, Urea,  
E quantas, e quantas mais  
Foram de Apollo esquecidas,  
Sem que as musas condoidas  
O censurassem jamais!  
— Mas basta de lhes dar trela!  
Vou barbear-me, que tenho  
De ir ao Olympo. Já venho.

(Sae cantarolando.)

#### SCENA IV

As MUSAS, depois RHÉA.

THALIA.

Rheá, onde estás?

TERPSICORR, vendo entrar Rhéa.

Cá está ella.

RHÉA.

Tudo ouvi. Muito obrigada.  
Mas perdem tempo, meninas:  
Tenho a mais negra das sinas;  
Hei de morrer desprezada.

(Suspirando.)

Quem já eu fui, e quem sou!

THALIA.

Quem já tu foste e quem és!

RHÉA.

Anda agora aos pontapés  
Quem já aos beijos andou!  
Ah! se eu soubesse, faria  
Como fez a bella Isse,  
Que não cahiu na tolice  
De dar-lhe o que elle pedia  
De pastor sob o disfarce;  
Ou teria a mesma sina  
Que teve a nympha Bolina...

POLYMMIA.

Qual foi?

RHÉA.

Preferiu matar-se  
A dar-lhe ouvidos.

THALIA.

Pateta!

RHÉA.

Pateta, não! antes morta...

EUTERPE.

Porém vamos ao que importa:  
Tens carta do meu poeta?

UMAS.

E do meu?

OUTRAS.

Do meu?

RHÉA.

Cuidado!

Prudencia, muita prudencia,  
Porque esta correspondencia  
E' contrabando arriscado!

( *tirando um maço de cartas da algibeira.*)

Todas têm carta.

( *distribuindo as cartas á proporção que nomeia as Musas.*)

Thalia,

Melpomene, Urania, Erato,  
Caliopé...

CALIOPE, que recebe duas cartas.

Duas?!

RHÉA.

E' exacto.

Amam-te dous á porfia.  
Terpsicore, Euterpe, Clio,  
Polymnia. — Prompto! Mais nada!

( *Aparte.*)

Ha muita musa assanhada  
E muito poeta vadio!

THALIA.

Rhéa, muito agradecida!

TODAS.

Muito agradecida, Rhéa !

THALIA.

Não podes fazer idéa  
Da vida (se aquillo é vida)  
Que aqui passavamos, antes  
Que Apollo te dêsse o officio  
De guarda d'aquelle hospicio,  
Porque a melhor das amantes  
Lhe fôras.

EUTERPE.

Não faças caso,  
Se, por causar-te vexame,  
Alguem houver que te chame  
Onse-lettras do Parnazô. . .

CALIOPE.

Mercurio, filho de Jove,  
Deus altivo e sobranceiro,  
E' de amores mediaueiro. . .

ERATO.

E ninguem ha que o reprove !

RHÉA.

Pois sim, mas vocês, em paga  
Do serviço que lhes presto  
(Seja honesto ou deshonesto:  
Disto agora não se indaga),  
Prometteram-me que Apollo  
Brevemente voltaria  
A ser, como foi um dia,  
Da minha vida o consolo,

--E, no emtanto, até agora  
Estou a chuchar no dedo,  
Nem parece que tão cedo  
Torne a ser quem fui outr'ora.

ERATO.

Tem um pouco de paciencia !

THALIA.

Leiamos, ó companheiras,  
As costumadas asneiras  
Da nossa correspondencia.

CANTO

AS MUSAS.

Leiamos ! leiamos !  
Porque só assim  
A vida levamos  
Risonha porfim !

I

THALIA, lendo.

«Minha pomba».

ERATO, id.

«Meu bemsinho.»

CLIO, id.

«Deusa»

MELPOMENE, id.

«Estrella»

EUTERPE, id.

«Doce amor.»

POLYMNIA, id.

«Meu melindre».

TERPSICORE, id.

«Meu carinho.»

CALIOPE, id.

«Meu feitiço.»

URANIA. id.

«Minha flôr.»

TODAS.

Oh ! que grandes beldroegas !  
Que estupenda collecção !  
Cada qual é o mais piégas,  
Cada qual o mais ratão !

II

THALIA, lendo

«Estou preso !»

ERATO, id.

«Estou captivo !»

CLIO, id.

«Soffro»

MELPOMENE, id.

«Matas-me !»

EUTERPE, id.

«Tem dó!»

POLYMNIA, id.

«Por ti morro !»

TERPSICORE, id.

«Por ti vivo!»

CALIOPE, id.

«Um olhar !»



URANIA, id.

«Um beijo só!»

TODAS.

Oh, que grandes beldroegas!  
Que estupenda colleção!  
Cada qual é o mais piégas,  
Cada qual o mais ratão!

THALIA, declamando.

Mas, na fórmula costumada.  
Uma entrevista me pede!

EUTERPE.

Da mesma fórmula procede  
O meu!

TODAS.

E o meu!

RHÉA.

Que cambada!  
Nas entrevistas só pensam!  
Vocês são flores e estrellas,  
Mas de falar-lhes, e vel-as,  
Etcetera e tal... não dispensam!...

Durante esta fala, Apollos tem entrado sem ser presentido, e apanha as Musas a ler. Furioso, arranca-lhes duas ou tres cartas.)

## SCENA V

RHÉA, AS MUSAS, APOLLO.

APOLLO.

Que papeluchos são estes?!...

Depois de examinar.)

Por Zeus! cartas de namoro !...  
Ai! quem teve o desaforo  
De...? Pelos deuses celestes!

(A Rhéa.

Foste tu'...

(Tomando-a pelo braço.)

Infame! Abusas,  
E commigo te divertes!  
O Parnazo me pervertes  
E me debochas as Musas!...

THALIA.

Apollo, não a condemnes!

TODAS.

Não a condemnes!

APOLLO.

Caluda!

(Deixa o braço de Rhéa e empurra-a. Ella fica a um canto da scena.

P'ra punir esta abelhuda,  
Vou tomar ares solemnes!

(Magestoso.)

Ouve! Eu, Phebo, vulgo Apollo,  
Tambem chamado Tirseu,  
Salganeo, Epazio, Letreu,  
E muitos nomes, que engrolo,  
Como Branchidio, Carino,  
Clario, Amazonio, Epitropio,  
Ulio, Telchinio, Parnopio,  
Astipaleo, Marinarino,  
Dioniosodoto, — o diabo!  
Tembrio, Acesio... Não prosigo,  
Pois, se todos elles digo,  
Não é tão cedo que acabo!...

Eu, Apollo, cujos feitos  
Andam por ahí contados  
Em versos aprimorados,  
Em livros muito bem feitos,  
Sem perda de um só momento  
Vou te mostrar, serigaita,  
Que birimbáo não é gaita,  
E eu sou raivoso e violento !

THALIA, supplicante.

Não a punas !

TODAS, id.

Não a punas !

APOLLO.

Foi patifaria grossa !

ERATO.

E' nossa a culpa !

TODAS.

Só nossa !

APOLLO.

Oh, que Musas importunas !

(Energico.)

Nem Minerva a salvaria !

EUTERPE.

Apollo, sê generoso !

TERPSICORE.

Sê magnanimo e piedoso !

THALIA.

Lembra-te, Apollo, que um dia...

APOLLO.

Não ! não ! não ! mil vezes não !...

THALIA.

Choremos, ó companheiras,  
E co'as nossas choradeiras  
Armemos ao seu perdão !

(Todas as Musas choram.)

CANTO.

AS MUSAS.

Papae Apollo, perdôa !  
Não sejas um deus feroz !  
A culpa della é ser bôa...  
A culpa temol-a nós.

Ai ! ai ! ai !

Perdão, papae, papae !...

APOLLO.

Não chorem se não eu choro,  
E o choro quero evitar;  
Da divindade o decóro  
Não me permite chorar.

AS MUSAS.

Ai ! ai ! ai !

Perdão, papae ! papae !...

APOLLO.

Diz um ditado de fama,  
Que eu ouço ha muito citar,  
Que quem não chora não mama,  
Mas eu não quero mamar.

AS MUSAS.

Papae Apollo, perdôa! etc.

APOLLO, declamando.

Bom! bom! bom! 'stá perdoada!  
Mas da minha vista saia!

(Rhéa afasta-se.)

E ella que n'outra não caia,  
Senão, temol-a travada!

RHÉA, sahindo.

Oh, tyrania do fado!  
Agora não vejo furo  
De vir a ser no futuro  
Quem já eu fui no passado!

(Sae.)

SCENA VI

APOLLO, as MUSAS, depois RHÉA.

APOLLO.

Se ella não toma juiso,  
Faço o que um dia já fiz:  
Transformo-a n'um chafariz!

THALIA.

Tens falta d'agua?

APOLLO.

P.  
L.

Preciso  
De uma fonte deste lado,  
Que faça pendant áquella...  
Mas, notem: não terá ella  
Este liquido sagrado:

Será uma fonte gazosa,  
Com certas propriedades...

THALIA.

Fôra a maior das maldades !

APOLLO.

Será uma fonte de prosa.

RHÉA, entrando, enthusiasmada e contente.

Elle ! E' elle !... Vi-o ! Vi-o,  
E de alegria estou cheia !  
A tua raiva, olvidei-a !  
O meu vexame, esqueci-o !

APOLLO,

Viste-o ? Quem ?

AS MUSAS

Quem ?

RHÉA.

Como é lindo !

Como encanta vel-o ! A gente  
Nem mesmo sabe o que sente  
Quando o vê !

( Correndo ao fundo e olhando para dentro. )

Lá vem subindo !

APOLLO.

Mas quem ?

THALIA, que também tem subido e olhado.

Quem ? Não imaginas !

Cupido !

TODAS.

Cupido !

APOLLO, depois de se certificar.

E' certo !

Meninas, não estejam perto !  
Já para de = tro, meninas !

TODAS.

Vamos embora ?

APOLLO.

E depressa !

— Nada ! que elle é bein capaz  
De querer brincar e... zás !

(Gesto de quem arremessa uma setta.)

Só me faltava mais essa !

(Empurra as Musas que saem.)

RHÉA, durante esse movimento.

Cupido !... oh, ventura !... oh, dita !...

Se elle quizesse, o gaiato,

Fazer com que aquelle ingrato...

APOLLO, voltando.

Vamos ! Some-te, maldita !

(Rhéa sae, enlevada diante de Cupido que entra sem olhar para ella,  
vae direito a Apollo.)

## SCENA VII

APOLLO, CUPIDO.

CUPIDO.

Viva o seu Apollo !

APOLLO.

Olá !

Que grande ausencia, Cupido !  
Sejas bem apparecido !  
Ha muito não vinhas cá !

CUPIDO.

As minhas occupações  
Não me permittem.

APOLLO.

Brejeiro,

Que levas o dia inteiro  
A maltratar corações !

CUPIDO.

Enganas-te !

APOLLO.

Ainda bem !

CUPIDO.

Eu tornei-me um deus pacato :  
Já corações não maltrato,  
Já não maltrato ninguem.

APOLLO.

Não esperava eu por esta !  
Tu, outr'ora tão ferino,  
Tornares-te um bom menino  
E divindade modesta !  
Quem operou tal milagre ?  
Deixaste de ser cruel ?  
O fel transformou-se em mel  
E em xaropada o vinagre !



CUPIDO.

Eu bem quizera, e não posso,  
Recuperar a maldade...  
O desalento me invade!  
O mundo já não é nosso...  
Ha lá na terra mesquinha  
( De todos aos olhos salta ! )  
Uma potencia mais alta  
Do que a tua e do que a minha !

APOLLO.

Amor ! que dizes ? Blasphemias !  
Que enorme potencia é essa ?  
Vamos ! dize-me depressa,  
Com setecentos mil poemas !

CUPIDO.

Elle é o deus mais adorado :  
Todo o mundo lhe obedece...

APOLLO.

Por Jove ! que deus é esse ?

CUPIDO.

E' o dinheiro.

APOLLO

Estou callado !

CUPIDO.

COPLAS

I

Meu bom Appollo, isto vae mal !  
Hoje não ha no mundo inteiro  
Força maior que a do dinheiro,  
Pois elle é o deus universal !

Isto nos causa dissabor,  
Isto devéras arrelia  
A ti, que és deus da poesia,  
E a mim, que dizem deus do amor !

II

Já ninguém quer saber de mim,  
Já também tu não vales nada !  
Ser deus assim só dá massada !  
Não dá prazer ser deus assim !  
O que faremos de melhor,  
Caro collega, é um bello dia  
Pôr para o lado a poesia  
E nunca mais cuidar do amor !

(Declamando.)

Sim ! o dinheiro ! por elle  
Perdi minha força immensa !  
Não tenho setta que o vença,  
Nem sopro que o esfacele !

APOLLO.

Pois commigo é o mesmo caso...  
Disseste, e Apollo o confirma;  
E' só por honra da firma  
Que não liquido o Parnazo !  
Como a fortuna negaças  
Faz a quem versos escreve,  
Raro é o typo que se atreve  
A pedir as minhas graças !

CUPIDO.

Tu, afinal, tens razão,  
Pois na sociedade abjecta  
Não consta que houvesse um poeta  
Morrido de indigestão.

— Mas não falemos em tal;  
Assumpto melhor eu tenho  
E vou dizer-te ao que venho.  
— Um desgraçado mortal,  
Que habita certa cidade,  
Sente no peito um affecto  
Sagrado, puro, discreto,  
Por uma doce beldade.  
Quer esposal-a.

APOLLO.

E depois ?

CUPIDO.

Mas o pae da rapariga  
(E' sempre a mesma cantiga !)  
Não quer casados os dois.

APOLLO.

Porque ?

CUPIDO.

Talvez tu te rias :  
Não é p'ra menos o caso...  
Porque o moço, por accaso,  
Não sabe fazer poesias.

APOLLO.

O pae quer genro poeta,  
E essa exigencia percebo :  
Faz questão de que o mancebo  
Tenha a educação completa.

CUPIDO.

O apaixonado galan  
Teve a lembrança excellente  
De pedir ardentemente  
A protecção da maman.

APOLLO.

Deverás?

CUPIDO.

E Venus bella  
Ficou muito satisfeita,  
Porque viu que d'essa feita  
Alguem se lembrava d'ella ;  
Quiz ao mancebo agradar  
E recommendal-o a ti ;  
Ora ahi tens tu porque aqui  
Vim hoje te incommodar.

APOLLO.

Pois não ponhas mais na carta :  
Tu queres, já se adivinha,  
Um pouco d'aquella aguinha...  
Espera ahi que vou dar-t'a.

(Dá dous passos para o fundo.)

CUPIDO, retendo-o.

Não ! não ! não ! commigo veio  
O protegido de Venus ;  
De sucia com os meus pequenos  
Lá mais abaixo deixei-o.

APOLLO.

Pois vai buscal-o.

CUPIDO.

N'um nada !

APOLLO.

Que venha e não se amedronte

(Apontando para a fonte.)

Bebida na propria fonte  
E' melhor que engarrafada.

CUPIDO.

De certo.

APOLLO.

E como aqui tenho  
Um candidato a poeta,  
Quero que seja completa  
A patacuadá !

CUPIDO.

Já venho.

( Sae. )

### SCENA VIII

APOLLO, depois as MUSAS, RHÉA, depois CUPIDO,  
CLEONTE, OS POETAS

APOLLO.

Façamos deste caso o caso mais solemne !

(Chamando.)

Terpsicore ! Thalia ! Erato ! Melpomene !  
Caliope, Euterpe, Clio, Urania !

(Comsigo.)

Falta algum ?

(Chamando.)

Polynnica ! Venham cá ! E o Pégazo tambem !...

(Entram Rhéa e as Musas.)

CÔRO.

Porque tanta algazarra ?  
Que foi ?... que succedeu ?  
Ha novidade na barra ?

Alguem morreu?  
Que succedeu?  
Que aconteceu?

(Continua a musica em surdina na orchestra.)

RHÉA, vindo ao proscenio, confidencialmente, ao publico.

O Pégazo tambem devia estar presente  
E á peça o chamariz daria mais cem casas;  
O empregario, porém, não poudo, infelizmente,  
Encontrar no mercado um cavallo com azas.

APOLLO.

(Subindo ao throno.)

Meninas, todo o recato!  
E não se ponham a rir!  
Vae ao Parnazo subir  
Neste instante um candidato.

(Entra Cupido, trazendo Cleonte pela mão, acompanhado pelos Amores, que ficam ao fundo, enquanto os dous dão uma volta pela scena, cumprimentando Apollo e as Musas.)

CUPIDO.

Tu dás licença?

APOLLO.

Tens toda.

THALIA.

Ah! é Cupido que o traz!

TERPISCORE.

E' bem bonito rapaz!

ERATO.

Vou namoral-o!

CLIO.

Estás douda !

APOLLO.

Mancebo, quem quer que sejas  
Que ao monte Parnazo ascendes,  
Explica-me o que pretendes  
E dize-me o que desejas.

CLEONTE.

Meu caro Sr. Apollo, eu...

(As Musas e Apollo, ouvindo prosa, dão um grito e fecham os ouvidos.)

APOLLO.

Nem mais uma palavra! A prosa é prohibida !

CLEONTE.

Perdão, mas eu...

APOLLO.

Silencio! ou já te arranco a vida,  
Ou cem vidas, vê bem! se tiveres cem vidas,  
Ou faço-te o que fiz um dia ao tal rei Midas:  
Ponho-te orelhas de asno! ou não me chame Apollo,  
Se de Marsias não tens a sorte, e não te esfolo!  
As nove Musas—vê!—os seus ouvidos fecham!

AS MUSAS.

Apollo, compaixão !

APOLLO.

Ouve como se queixam !

CUPIDO.

Grande Phebo, consente eu diga o que pretende  
O pobre que das leis do verso nada entende.

APOLLO.

Cupido, o que elle quer sei eu, sabem-no as Musas.  
Portanto, ó Deus do Amor, de ti explicar escusas.

CLEONTE, aparte.

Se sabia, porque perguntou?

APOLLO.

Rhéa, ligeira vae dar liberdade aos poetas,  
E que tragam consigo as lyras irrequietas !

(Rhea vae abrir o edificio do fundo. Entrada de uma multidão de poetas, cantando o côro com que principia o acto.)

1º POETA, destaca-se do grupo, que fica ao fundo, vem ao proscenio e declama, apontando para a cúpula do ponto

Eis ali o logar onde eclypsou-se  
O meteoro fatal ás regias fronte.

2º POETA, destacando-se do grupo, arrebatadamente.

Eu amo a noite, quando deixa os montes,  
Bella, mas bella de um horror sublime !

3º POETA.

Perdôa, ó virgem, se te amar é crime !

1º POETA.

Dormes? Eu vélo, seductora imagem,  
Grata miragem que n'um ermo vi.  
Quem pôde ver-te sem querer amar-te ?  
Quem pôde amar-te sem morrer por ti ?

4º POETA.

Eu, Marília, não sou nenhum vaqueiro.



5º POETA.

Luz divina, astro fagueiro,  
Luz que morre, luz que mata,  
Luz, mais luz, mais luz que mata...  
Luz que mata ! luz que mata !...

RHE'A, ao publico

Aquelle é nephilibata.

2º POETA.

Coração, porque te agitas,  
Coração, porque palpitas,  
Porque palpitas em vão ?

(Mudando de tom.) ?

Lembras-te, Inah, dessas noites ?

1º POETA.

E' Gonsaga ! Maldição !

4º POETA.

Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar-me os olhos minha irmã co' o dedo...

3º POETA.

Se de ti fujo é que te adoro, e muito.  
E's bella, eu moço, tens amor, eu medo !

1º POETA.

Vae, Colombo, abre a cortina  
Da minha eterna officina:  
Tira a America de lá !

5º POETA.

Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá.

APOLLO.

Basta de dizer asneiras!  
Ponham-se em linha acolá!

5.º POETA.

As aves que aqui gorgream.  
Não gorgream como lá.

APOLLO.

Ah! pois vocês não receiam  
Que eu...? Ora esperem!... Vou já...!

(Ergue-se ameaçador. Os poetas correm para os se<sup>s</sup> lados.)

Silencio! cesse a desordem!  
A meus pés, Clio, te deita!  
Thalia, fica á direita...  
Ponham-se todos em ordem.  
Vou fazer poeta este joven.  
Ajoelha-te, cidadão!

(Cleonte ajoelha-se aos pés do throno.)

A minha resolução  
Conto que todos approvem.  
Musas e poetas que approvam  
Queiram sentar-se.

(As Musas e os Poetas caem sentados no chão.)

Approvado.

CUPIDÓ.

Bravo! está tudo sentado!

\RHE'A.

As Musas nada reprovam.

*Vid. a errata no fim  
do volume.*

ÀPOLLO, interpondo-se e tomando-lhe a lyra.

Basta, meu caro senhor !  
Deixe agora o bem amado  
Lá onde está descançado.  
— Quero fazer-te um favor  
Em prova de sympathia.

CLEONTE.

A tua bondadé é immensa.

ÀPOLLO, a Rhéa.

Vae buscar lá na dispensa  
Uma garrafa vasia.

(Rhéa sae.)

Queres comtigo levar  
Uma garrafa desta agua ?

(Cleonte sorri.)

Queres ou não queres ?

CLEONTE.

Pago-a !

ÀPOLLO.

Não é preciso pagar.

CLEONTE.

Apollo enriqueceria  
(Que esta idéa o não affronte)  
Se, para explorar a fonte,  
Formasse uma companhia.  
Se quizesse ser meu socio . . .

(Apollo sorri, encolhe os hombros e dirige-se á fonte.)

CUPIDO.

Cala-te ! que fantasia !  
Elle é o deus da poesia,  
Não é homem de negocio.

RHÉA, entrando com uma enorme garrafa, que entrega a Apollo.  
Prompto, senhor !

APOLLO, depois de encher a garrafa, entregando-a a Cleonte.)

Aqui tens.

CLEONTE.

Muito obrigado, senhor,  
Por tão precioso favor !

APOLLO.

Não ha de que.

CUPIDO, a Cleonte.

Parabens.

RHÉA, baixo a Cleonte'

Se não basta a que ahi tens,  
Levas mais uma garrafa,  
Ou mesmo um garrafão !

CLEONTE.

Safa !

RHÉA.

Cuidado, que Apollo ahi vem.

APOLLO.

Agora, que haja festança !  
— Entre estas musas divinas  
Temos a musa da dança  
E as demais são dansarinas.  
Formem um grupo, meninas !  
Fiquem quatro deste lado  
E deste lado outras quatro,  
Como se faz no theatro.

(Depois de subir ao throno.)

Terpsycore, anda, um bailado !

CORO GERAL.

Um bailado !  
Bem lembrado !  
Que boa lembrança !  
Não ha que dizer !  
Dansemos, que a danza  
Nos causa prazer !

Bailado. Mutação. Apotheose á Poesia.





## ACTO III

---

---

O jardim de Frumencio. A' esquerda, a entrada da casa. Dous bancos de relva. E' meio dia.

### SCENA PRIMEIRA

AZELIA, sentada, pensativa, n'um dos bancos de relva, á direita ; depois, FRUMENCIO, MACHUCHO.

AZELIA.

«Dentro de quinze dias voltarei», disse elle... Termina hoje esse prazo, e... e não voltou ainda ! Voltará?... Como estou ansiosa !... com que violencia me bate o coração !... que fremito me percorre o corpo inteiro !... Ao menor rumor, parece-me vel-o chegar, dizendo-me :— Azelia, aqui me tens ; sou teu, és minha !... —

### COPLAS

#### I

E' hoje o derradeiro dia...  
Cleonte ainda não voltou !  
Com elle o riso da alegria  
Dos labios meus se afugentou.  
Mas ainda estou bem confiante :  
De novo a Venus invoquei,  
E espero, enfim, que a todo instante  
O meu amante aqui verei.

II

Bem significa esta demora  
Que o dono do meu coração  
Não pôde conseguir lá fóra  
De fazer versos o condão ;  
Porém seria uma desgraça  
Se não me apparecesse mais...  
Faça elle versos ou não faça,  
Eu de outro não serei já mais !

(Frumencio sae de casa, acompanhado por Machucho.)

FRUMENCIO.

Ali a tens mais triste do que a rola afflicta !

MACHUCHO.

Pobre moça ! tem chorado  
Como ainda ninguem chorou !  
Hoje o prazo finalisa.  
Que o namorado marcou...

FRUMENCIO.

Achas que elle volte ?

MACHUCHO.

Neste mundo só não volta  
Quem a canella esticou ;  
Para sempre, eternamente,  
Nada na terra passou.  
—Tive um dia um rheumatismo  
Que muito me apoquentou,  
E no fundo de uma cama  
Quatro mezes me atirou.  
Um curandeiro famoso  
Finalmente me curou ;  
Durante cinco ou seis annos  
A doença me deixou ;



E um dia, quando completa-  
Mente esquecido ficou,  
Eis que inopinadamente  
O rheumatismo voltou !

FRUMENCIO.

Tu não tens outra rima sinão em ou ?

MACHUCHO.

E, se volta um rheumatismo  
Que não se fez esperar,  
E' mais natural que deva  
Um namorado voltar.

FRUMENCIO.

Sei lá !

MACHUCHO.

Coisas mais extraordinarias  
Não nos fartamos de ver ;  
Póde ser que o moço volte,  
Tudo póde acontecer.

FRUMENCIO, aparte, enquanto se encaminha para Azelia.

Tem muito talento este diabo ! (Alto a Azelia.) En-  
tão, menina ?

AZELIA, estremecendo.

Ah ! (Erguendo-se.) Papá !

FRUMENCIO.

Ainda não te desenganaste ? Duvido que o teu  
Cleonte appareça, assim como sempre duvidei que de-  
sapparecesse, estando as portas fechadas !

AZELIA.

O papá está enganado: se as portas estivessem fe-  
chadas, elle não sahiria sem as abrir.

FRUMENCIO.

Póde ser. Eu naquelle dia estava com a musá, e quando estou com a musa, não respondo por mim. Uma das portas ficou talvez mal fechada (Tirando um papel no bolso.) Por falar em musa: queres ouvir uma quadra que fiz esta noite?

AZELIA, indifferentemente.

Sim, senhor.

FRUMENCIO.

E' o principio de um soneto offerecido a mim mesmo. (Lê.)

«Honra á poesia, á deusa altiva e augusta,  
Que do infeliz a melancolia consola  
Cercando a vida de uma aureóla.»

MACHUCHO, emendando.

Auréola.

FRUMENCIO.

Auréola é liberdade poetica. (Lendo.)

Cercando a vida de uma aureóla,  
Edando-lhe uma fé muito robusta.»

Estes foram feitos sem o adjectorio do Machucho.

MACHUCHO, aparte.

Está se vendo!

FRUMENCIO, a Machucho.

Que dizes deste quartetto?

MACHUCHO.

Tem um dos versos comprido  
Que nem um dia sem pão;  
Mas como outro verso é curto,  
Ha certa compensação.

FRUMENCIO.

Minha filha, isto de fazer versos fia fino, não é para quem quer, mas para quem póde! A poesia não é coisa que se aprenda assim sem mais nem menos! Emfim, se o rapaz prometteu voltar, lá tinha as suas razões...

AZELIA.

Ah, papá, se soubesse quanto soffro!

(Machucho suspira ruidosamente.)

FRUMENCIO.

Tambem tu suspiras?

MACHUCHO.

Eu acho bem rasoavel  
De sua filha a quisilia:  
Não é preciso ser poeta  
Para ser pae de familia!

FRUMENCIO.

Temos outra!

MACHUCHO.

Sonetos, decimas quadras  
—Concorde, ó flor dos patrões!—  
Não dão a ninguem aquillo  
Com que se compram melões.

FRUMENCIO.

Pois tu de que vives?

MACHUCHO.

De fazer versos, é exacto!  
Que descoberta, ora bolas!  
Mas, se não fosse o patrão,  
Eu estava a pedir esmolas!

FRUMENCIO.

Pessima quadra, Sr. Machucho! Aquelle “ora bolas” é uma muleta! Uma muleta e uma insolencia!

AZELIA.

E’ escusado, Machucho! Por mais muletas que ponhas nos teus versos, o papá não nos attende! Ninguém o demove! quer um genro poeta!... (Chora.)

MACHUCHO.

Daquelle pranto sincero  
Piedade o patrão não tem!  
A menina chora tanto,  
Que me faz chorar tambem!

FRUMENCIO.

Pois chora, chorem ambos, mas deixem-me em paz! Vou ver se componho o segundo quartetto. (Sentado no banco em que Azelia esteve sentada, tira um lapis do bolso e começa a compor, sem dar attenção ao que se passa.)

Azelia, chamando Machucho á parte, com um gesto.

Salva-me! Vê se te lembras de um estratagema qualquer!

MACHUCHO.

Estratagema não vejo,  
Estratagema não ha!

AZELIA.

Pódes falar em prosa!

MACHUCHO.

Que quer, menina? o costume...  
Eu não vejo estratagema...  
Estratagema não vejo!

AZELIA.

Fala em prosa, teimoso !

MACHUCHO.

Desculpe: é o rythmo que me persegue !...—Não ha estratagema possivel; o patrão, quando embirra n'uma coisa, é peor que um sendeiro velho !

AZELIA.

Isso agora é prosa de mais ! Experimenta ! Tens tanta influencia sobre elle ..

MACHUCHO.

Distingamos: tenho alguma influencia sobre o poeta, não sobre o pae de familia...

AZELIA.

E' que não te interessas ..

MACHUCHO.

Não me interesse? Permittam os deuzes que o marido da menina não saiba fazer versos !

AZELIA.

Porque ?

MACHUCHO.

Em havendo um versejador na familia, seu pae dispensa os meus serviços. ( contemplando Frumencio, que procura uma rima olhando para o céu.) Olhe para aquillo !... A rima não sae... Está aqui, está reclamando o forceps !

AZELIA.

Ainda se Cleonte me houvesse escripto uma carta !

MACHUCHO, com um pulo.

Ah ! por fallar em carta ! Que cabeça a minha !...

(Tirando uma carta do bolso.) Recebi hontem esta para o patrão, e me esqueci de lh'a entregar! Fiquei com ella na algibeira! Se a menina não fala...

AZELIA, tomando-lhe a carta.

Deixa ver! (Examinando a lettra.) Não é de Cleonte... (Restitue-lh'a.)

MACHUCHO.

Vou pregar uma peta innocente...

(Aproximando-se de Frumencio.)

O' patrão, neste instantinho  
Um portador aqui entrou,  
Que, depois de tres mesuras,  
Esta carta me entregou,  
Dizendo que no seu bolso  
Esquecida hontem ficou.

FRUMENCIO.

Temos outro chorrilho de rimas em ou?

MACHUCHO.

De trazel-a ao seu destino  
Só agora se lembrou.

FRUMENCIO.

Não vá ser coisa urgente! (Erguendo-se e abrindo a carta.) E' do commendador Andronico! (Lendo.) Que vejo! o commendador avisa-me de que hoje, ao meio dia, vem agradecer-me pessoalmente a ode que improvisei para commemorar o seu anniversario natalicio!

MACHUCHO.

Ao meio dia? Estamos na hora!

FRUMENCIO.

E eu que não me preparei para recebê-lo, a elle, o

homem mais rico desta cidade, um homem que não sae de casa senão em palanquim de ouro e acompanhado por numeroso sequito !...—Minha filha, peço-te que o não recibas com essa cara de tudo me fede .. Sorri... faze-te bella...

AZELIA.

Porque ?

FRUMENCIO.

Elle é solteiro e não é velho... Se te quizesse para esposa, serias a mulher mais venturosa do mundo !...

AZELIA.

Oh ! não me consta que o commendador Andronico faça versos...

FRUMENCIO.

Não os faz, é verdade, mas tem tanto dinheiro que uma coisa compensa a outra...

AZELIA.

Ora !

FRUMENCIO.

E, de mais, quem possui uma fortuna daquellas, póde ser tudo quanto quizer, inclusive poeta !

ASELIA.

Não, papá ! não ha riquezas no mundo que me façam esquecer o meu Cleonte !

FRUMENCIO.

O teu Cleonte ! Por onde a estas horas andarás o teu Cleonte !

(Musica. Rumor fóra.)

MACHUCHO, olhando para fóra.

E' elle !..

AZELIA, alegre.

Quem Cleonte ?

MACHUCHO.

Não ; o commendador Andronico.

AZELIA.

Ora !

FRUMENCIO.

Cara alegre, menina !

AZELIA.

E' impossivel, papá ! Quer saber de uma coisa ?  
O melhor é metter-me no meu quarto ! (Entra em casa.)

FRUMENCIO.

Azelia ! menina ! ouve !.. — Foi-se !

MACHUCHO.

Deixe-a ir, senhor meu amo !  
Quem tem triste o coração  
Precisa, como é sabido,  
De silencio e solidão.

FRUMENCIO.

Do que ella precisava sei eu !

SCENA II

FRUMENCIO, MACHUCHO, ANDRONICO.

HOMENSE MULHERES DA COMITIVA DE ANDRONICO.

(Andronico entra sentado n'um palanquim, carregado por quatro homens, e precedido dos côros.)



CORO.

O commendador Andronico  
Aqui está n'um palanquim  
De ouro, prata, madreperola,  
E almofadas de setim.

FRUMENCIO, indo ao encontro de Andronico e dando-lhe a mão  
para sahir do palanquim.

Caro senhor  
Commendador,  
Sinto-me honrado !  
O vel-o cá  
Prazer me dá !  
Muito obrigado !

ANDRONICO, no proscenio.  
Eu sou muito rico !

CÔRO.

Elle é muito rico !

ANDRONICO.

Muitissimo rico !

CÔRO.

Muitissimo rico !

ANDRONICO.

Outro como eu não pode haver !

CÔRO.

Não póde haver !

ANDRONICO.

Mas nada tem que agradecer,  
Porque . . .

CÔRO.

Porque . . .

ANDRONICO.

Eu superior não fico  
Ao senhor em posição :  
O senhor tambem é rico  
De talento e inspiração !

CÔRO.

Apoiado ! é muito rico  
De talento e inspiração !  
O commendador Andronico  
Aqui veio em palanquim  
De ouro, prata, madreperola  
E almofadas de setim !

ANDRONICO.

Meu caro Sr. Frumencio, venho expressamente agradecer-lhe os magnificos versos que me offereceu no dia dos meus annos. (Aparte, procurando com os olhos.) Não a vejo !

FRUMENCIO.

Ora, commendador, um simples improviso...

ANDRONICO.

Pois sim, mas improvisos daquelles não se fazem com facilidade : exigem muitos dias de trabalho !—(Aparte.) Onde estará ella ?... (Alto.) Ha cinco annos consecutivos que o senhor me felicita em verso, infallivelmente, no dia do meu anniversario natalicio ; mas com franqueza : os seus versos deste anno são muito superiores aos dos annos passados... tanto assim que é esta a primeira vez que lh'os venho agradecer... (Aparte.) Estou roubado!...

FRUMENCIO.

Quanta honra, commendador!

ANDRONICO.

Oh! aquella primeira estrophe:

No carro seu doirado a roxa aurora...

(Que belleza! que colorido! parece ver-se o carro da aurora rolando entre nuvens!)

Vem dando aos horisontes rubra côr...

(O peor é que na manhã do dia dos meus annos choveu a cantaros!)

Em dia tão gentil se commemora...

TODOS, recitand .

O anniversario do commendador!

ANDRONICO.

Ora ahi tem! eu, um homem rico, riquissimo, podre de rico, um homem que é proprietario da quinta das Rosas, que vale um milhão a olhos fechados, um homem que não tem absolutamente tempo de pensar n'outra cosia que não seja a mobilisação do seu dinheiro, eu... decorei os seus versos, e a minha comitiva tambem os decorou!

FRUMENCIO.

E' uma gloria para mim!

MACHUCHO, aparte.

Sic vos non vobis...

ANDRONICO.

Mas... como se explica, meu caro Sr. Frumencio, que os seus versos d'antes fossem de péquebrado, e agora sejam tão perfeitos, obedecendo a todas as regras da

arte? (Frumencio troca um olhar com Machucho.) Já sei... o senhor estudou... aperfeiçoou-se... completou o que lhe faltava... (Aparte.) E ella sem apparecer!

FRUMENCIO.

Fiz o que pude... puxei pelo estro...

ANDRONICO.

Entretanto, como nesta bôa terra abundam as más linguas, dizem — ora de que se haviam de lembrar! — dizem por ahi que o senhor chamou para o seu serviço um poeta, e este o soccorre todas as vezes que...

FRUMENCIO, atalhando.

E' falso, commendador, é falso! Verdade seja que tenho em casa aquelle homem que, segundo me consta, faz versos... más nunca os vi nem ouvi... (Passando.) Não é assim, Machucho?

MACHUCHO.

Sim! — o meu estro mesquinho  
O alado Pégazo monta...

FRUMENCIO, baixo.

Fala em prosa, diabo!...

MACHUCHO..

Mas eu não vendo os meus versos:  
Eu faço-os por minha conta.

ANDRONICO.

Bravo!...

FRUMENCIO, apoiando.

E'. Só os faz por conta propria. Quiz um dia que elle me cedesse uma estrophesinha: não houve meio de fazer negocio commigo! Não é assim, Machucho?

(Machucho vae responder; Frumencio tapa-lhe a bocca.) Bom! Cala-te!  
E vae chamar minha filha!

ANDRONICO, aparte.

Sua filha! Finalmente! . . . (Alto.) Onde está ella?

FRUMENCIO.

No seu quarto. (A Machucho.) Dize-lhe que venha cumprimentar o Sr. commendador Andronico.

ANDRONICO.

Perdão, o contrario: que venha para ser cumprimentada. (Machucho vae falar; Frumencio tapa-lhe a bocca e empurra-o para dentro de casa.)

FRUMENCIO.

Cala-te! Vae buscar a menina! (Machucho sae.)

### SCENA III

Os mesmos, menos MACHUCHO, depois AZELIA,  
MACHUCHO.

ANDRONICO.

Dizem-me que sua filha é uma belleza excepcional. . . Conheci-a pequena. . . deste tamanho . . . depois, nunca mais a vi. . .

FRUMENCIO.

Oh! uma belleza excepcional! . . . E' moça. . . é como as outras. . .

ANDRONICO.

Não é o que me dizem todos! Ouço falar della com um enthusiasmo fóra do commum. . . Entretanto, o senhor. . . não se pôde dizer que seja um bonito homem.

FRUMENCIO.

Limite-me a ser um homem sympathico.

ANDRONICO.

Tem cara de desmamar crianças... (A' comitiva.) Não acham?

TODOS.

Achamos.

ANDRONICO.

E a filha é de uma beleza rara! A natureza tem destes caprichos inexplicaveis!

FRUMENCIO.

A pequena sahiu á mãe: a minha defunta era um pancadão.—Ella ahí vem: o Sr. commendador vae julgar por seus proprios olhos! (Indo buscar pela mão Azelia, que entra, acompanhada por Machucho.) Vem, minha filha; o Sr. commendador Andronico deseja conhecer-te.

ANDRONICO, que se aproxima de Azelia e fica extasiado.

Ah!...

AZELIA, admirada.

Que é?

ANDRONICO.

Oh!...

CONCERTANTE.

ANDRONICO.

Oh, que prodigio! oh, que surpresa!  
E', na verdade, um mago encanto!  
Eu esperava uma belleza,  
Porém não esperava tanto!  
Que formosura deslumbrante!  
Quem já viu rosto mais formoso?  
Eu quero já, no mesmo instante,  
Ser seu marido venturoso!...

JUNTOS.

ANDRONICO E OS CÓROS.

Que formosura deslumbrante !  
Quem já viu rosto mais formoso ?  
Eu quero já, ) no mesmo instante ,  
Elle quer já, )  
Ser seu marido venturoso !

AZELIA.

Céos ! elle achou-me deslumbrante !  
Achou o meu rosto o mais formoso !  
E quer já, já, no mesmo instante,  
Ser meu marido venturoso !

FRUMENCIO E MACHUCHO.

Bravos ! achou-a deslumbrante !  
Achou o seu rosto o mais formoso,  
E quer já, já, no mesmo instante,  
Ser seu marido venturoso !

ANDRONICO, baixo a Frumencio.

O senhor tem em casa alguma coisa que se beba?

FRUMENCIO.

A minha adega está bem guarnecida.

ANDRONICO.

Então mande dar de beber a toda aquella gente...  
E' um pretexto para ficarmos sós, --o senhor, sua filha  
e eu.

FRUMENCIO, aparte.

Este homem é ozaz-trás-nó-cégo ! (Alto.) Machucho,  
leva lá para dentro estas senhoras e estes senhores da  
comitiva do commendador... Offerece-lhes alguma

coisa que se beba. (Machucho vae para responder: Frumencio tapa-lhe a bocca.) Cala a bocca! (Alto.)

Queiram acompanhar o Machucho!

MACHUCHO.

Venham commigo, senhores,  
E creiam que a pinga é bôa!

FRUMENCIO, aparte.

Elle a dar-lhe!

MACHUCHO.

Não tem espinhas nem ossos,  
E como um nectar escôa  
Pelos esophagos nossos!

TODOS.

Bravo! Bravo!...

ANDRONICO.

Vão! Vão! (saem Machucho e os còros, repetindo:)  
O commendador Andronico  
Aqui veio em palanquim  
De ouro, e prata, madreperola,  
E almofadas de setim!

#### SCENA IV

FRUMENCIO, ANDRONICO, AZELIA.

FRUMENCIO.

Vão limpar-me a adegã! (A Andronico, que está contem-  
plando Azelia, estasiado.) Então? quer ficar no jardim?

ANDRONICO.

Quero. Estou bem aqui, gozando a frescura destas  
sombras.



FRUMENCIO.

Nesse caso, sentemo-nos.

ANDRONICO.

Pois sentemo-nos.

FRUMENCIO.

Senta-te, menina! (Sentam-se os tres. Pauza.) Peço-lhe mil desculpas, commendador, por não o haver recebido com uma festa. O seu aviso só me foi entregue no momento da sua chegada. Por signal que ainda aqui está.

ANDRONICO.

Foi melhor assim; não se metteu em despezas.

FRUMENCIO.

Isso era o menos.

ANDRONICO.

Mas vamos ao que importa, e não parcamos tempo, que o tempo é dinheiro. (Pausa.) Sr. Frumencio... minha senhora... eu sou um homem franco.

FRUMENCIO.

Vê-se! (Aparte.) Até me chamou cara de desmamar creanças!

ANDRONICO.

Franco e resolutos! Quando resolvo qualquer coisa, é anda mão enfia dedo!

FRUMENCIO.

Zás trás nó cégo!

ANDRONICO.

E' a tal systema que devo ser o homem mais rico

desta cidade, e proprietario da celebre quinta das Rosas. Arrependi-me todas as vezes, muito poucas, em que reflecti dez minutos antes de fazer qualquer coisa... Por isso, declaro, sem o menor circumloquio nem a mais ligeira hesitação, que esta senhora me deslumbrou e que me sinto apaixonado por ella!

AZELIA.

Apaihonado ? ! Já ? !

ANDRONICO.

Já, sim senhora ! Oh ! eu vim preparado para esta impressão violenta ! Tinham-m'a pintado—e não me enganaram como a realisação perfeita do meu ideal. —Esta visita foi motivada apenas pela curiosidade febril, pela anciedade de vel-a !

FRUMENCIO.

Então os meus versos... ?

ANDRONICO.

Os seus versos foram um mero pretexto. São muito bonitos, não nego, principalmente aquelle do carro...

FRUMENCIO.

No carro seu doirado a roxa aurora...

ANDRONICO.

São muito bonitos, mas eu poderia agradecer-lh'os por um simples bilhete de visita.

FRUMENCIO.

E eu a pensar que . . .

ANDRONICO.

Minha senhora, se quizer ser minha esposa, é sua

a mão do homem mais rico desta cidade, e é sua a quinta das Rósas.!

(Longa pausa.)

FRUMENCIO.

Que dizes, minha filha ?

AZELIA.

O papá bem sabe que o meu coração já está dado.

ANDRONICO.

Dado ? ! Dado a quem ?...

FRUMENCIO.

Dado é um modo de dizer.... Está, quando muito, emprestado...

AZELIA.

Está dado e muito bem dado.

FRUMENCIO.

Não poderias dal-o sem o consentimento de teu pae. —Commendador, a coisa é esta : Ha dias appareceu-me um rapaz, que vinha, autorizado por ella, pedir-m'a em casamento. Eu disse-lhe que só daria minha filha a um poeta.

ANDRONICO.

E ainda está nesse proposito ?

FRUMENCIO.

Abro uma excepção para o commendador.

ANDRONICO.

Bom ! Continue . . .

FRUMENCIO.

Elle respondeu-me . . .

ANDRONICO, interrompendo.

Sim, porque eu confesso que para poeta nunca tive o menor geito.

FRUMENCIO.

Já sei. Elle respondeu-me que estava no caso, mas eu vi logo que não estava, e impuz-lhe a condição de me fazer o pedido em verso.

ANDRONICO.

Ahi está uma condição que eu não aceitaria.

FRUMENCIO.

Já sei. Fechei-o n'uma sala, dando-lhe um quarto de hora para cumprir essa exigencia; mas quando o procurei, tinha desaparecido, deixando-me uma carta...

ANDRONICO.

Em verso?

FRUMENCIO.

Qual verso! Em prosa chilra! —... na qual promettia estar de volta no fim de quinze dias, e prompto para sujeitar-se a todas as provas.

ANDRONICO.

E esses quinze dias não se passaram ainda?

AZELIA, promptamente.

Ainda não senhor; é hoje o decimo quinto.

ANDRONICO, animado.

Ah! é o decimo quinto? Nesse caso esperarei tambem... esperarei até á meia noite... A senhora não sentirá demasiado a troca, lembrando-se...

AZELIA.

De que o senhor é o homem mais rico desta cidade, e dono da quinta das Rosas, — já sei.

ANDRONICO.

Não é isso.—...lembrando-se de que cheguei solteiro aos quarenta e cinco annos, por não haver encontrado até hoje mulher nenhuma que me produzisse o effeito que a senhora me causou quando transpoz aquella porta... Trago-lhe um coração virgem, que nunca foi dado, nem emprestado...

COPLAS

I

Eu tenho já quarenta e cinco invernos  
E nunca o amor commigo se occupou ;  
Porém o fogo desses olhos ternos  
Meu coração agora despertou.  
Premeie esta paixão doce e discreta,  
Aceite o noivo que do céu lhe cae !  
Não queira ser esposa de um poeta...  
Que poeta em casa basta o s'or seu pae.

II

Meu coração é um capital intacto,  
Que jámais, felizmente, desfalquei ;  
Embora estranho lhe pareça o facto,  
Todos os juro capitalisei !  
Portanto, preso nesses olhos puros,  
Nesse bello sorriso divinal,  
Eu lhe offereço capital e juro  
E não lhe peço mais que o capital...

AZELIA.

Diz o Sr. commendador que esperará até á meia noite. Bom. Se até á meia noite Cleonte não apparecer, tomarei amanhã uma resolução...

ANDRONICO.

No meu vocabulario não existe a palavra «amanhã.»

AZELIA.

O meu é mais completo.

FRUMENCIO, aparte.

Esta pequena dá um pontapé na fortuna!

### SCENA V

Os mesmos, MACHUCHO, depois CLEONTE.

MACHUCHO, entrando a correr.

Da menina o namorado  
Perdeu de certo a razão :  
Vem correndo azafamado,  
Co' uma garrafa na mão !...

OS TRES, erguendo-se.

Com uma garrafa ?

CLEONTE, fóra.

Onde está?... onde está ella?...  
Quero ver a minha bella !...

(Entra a correr. Pára ao ver Azelia, que lhe sorri; solta um suspiro de allivio e dirige-se a Frumencio.)

Qual saudoso passarinho  
Que do abandonado ninho  
Busca, no espaço, o caminho,  
Senhor Frumencio, aqui estou !  
Um genro poeta queria ?  
Pois bem, senhor ! hoje em dia  
Já tenho o dom da poesia  
Comque Apollo me dotou!

(Olham-se todos boquiabertos, sem saber o que pensar.)

Eu trago um estro luzente !  
Eu trago um estro potente !  
Eu trago um estro esplendente !  
Eu trago um estro titão !

MACHUCHO, a Frumencio.

Traz muitos estros na mente  
E uma garrafa na mão !

FRUMENCIO, muito interessado, arredando Machucho com um gesto.

Espera, homem !

CLEONTE.

Quando os meus versos vomito,  
Quando despeço o meu grito,  
Abalo todo o infinito,  
Com'novo toda a amplidão !

MACHUCHO.

Elle é poeta, tenho dito,  
E hyperbolico, patrão !

FRUMENGIO, reprehensivo.

Oh !...

ANDRONICO. *aparte.*

Cahi n'uma casa de doidos !

CLEONTE. *com lyrismo,*

Cupido levou-me ao collo  
Aos pés do divino Apollo,  
E eu pedi-lhe a inspiração !  
Por um magico processo  
Fiquei poeta !

(Correndo para Azelia.)

Outra vez peço

Esta alva e mimosa mão!

(Beija-lhe a mão e fala-lhe baixo, Frumencio sae pouco a pouco de sua estupefacção.)

MACHUCHO, baixo a Frumencio.

Senhor meu amo, uma idéa  
De repente me occorreu...

FRUMENCIO.

Dize qual foi... em prosa.

MACHUCHO. id.

Em prosa, senhor meu amo!  
A prosa é terrena e vil!

FRUMENCIO.

Em prosa, sim! Pois hei de estar sempre a ouvir versos? Tomei agora uma barrigada delles, que me empaturrou!

MACHUCHO, id.

E' que pôde muito bem ser que aquillo viesse estudado de casa... Em quinze dias decora-se a Illiada!...

FRUMENCIO, id.

Sim, senhor! bem lembrado! foi pena não ser em verso! (Alto, a Cleonte.) Pscio! ó amiginho! Mais de-vagar! Faça favor de fazer já um improviso!

CLEONTE, com volubillidade.

Oh! pois não! é o que exigir!  
Rimo com facilidade,  
Metrifico sem vontade,  
Versejo sem me sentir!



E' o que quizer ! Redondilhas,  
Quadras, tercettos, quintilhas...  
E' só por bocca pedir !

AZELIA.

Mas não te podes exprimir senão em verso ?

CLEONTE.

Não posso ! Nem me recorda  
Como em prosa já falei !  
Meu doce amor, tenho corda  
Por quanto tempo não sei !

FRUMENCIO, <sup>a</sup> Andronico.

Parece-me que o rapaz é poeta e poeta ás direi-  
tas !

ANDRONICO.

Estou abysmado... e resignado: é um rival in-  
vencível !

FRUMENCIO.

Façamos uma experiencia decisiva.— Oh, seu  
Cleonte, faça favor de glozar um mote ! (A Andronico.)  
Dê-lhe um mote, commendador ! Quero ver como se  
sae !

ANDRONICO.

O mote ali está: "Quero ver como se sae."

CLEONTE, repetindo,

Quero ver como se sae !

(Depois de uma ligeira pausa, bate na testa.)

O amor é uma cidadella  
Onde eu entrei facilmente,  
E fiquei, preso e contente,  
Nos braços da minha bella;

Mas como, se me quer ella,  
Não me deseja seu pae,  
Em fugir do que me attrae  
Meu empenho se concentra;  
Eu já sei como se entra,  
Quero ver como se sae !

FRUMENCIO, enthusiastado, \

Bravo ! Bravo ! Lança-te nos meus braços, meu genro ! (Abraçado a Cleonte.) Desculpe, commendador, mas aquella decima vale mais que a sua quinta ! (Comsigo.) E lembrar-me de que eu quiz vender minha filha !— Azelia, dá-me a tua mão ! (Péga, por engano, na mão de Machucho.) Então ! Temos brincadeira, seu poetastro ! (Toma a mão de Azelia.) Cleonte, dá-me a tua mão ! (Péga, por engano,) na mão de Andronico.) Adeus, viola ! (Toma a mão de Cleonte e unco-a á filha.) Casem-se e sejam muito felizes. Tenho pena de não lhes dizer isto em bonitos versos...

MACHUCHO, insinusndo-se,

Se o patrão quizer...

FRUMENCIO, seccamente,

Não. (Continuando,) Tenho pena de não poder empregar aqui essa linguagem maviosa como os sons de longuinqua frauta, que suspira uma endeixa repassada de amor e melancolia, branda como o sopro da brisa que ciccia por entre os arbustos orvalhades pelo crepusculo matutino... Vae em prosa, meus filhos... Vae em prosa poetica.

MACHUCHO, aparte.

A' vista disto e dos autos, vou tratar de arrumar a trouxa ! (Sae.)

SCENA VI

FRUMENCIO, ANDRONICO, AZELIA, CLEONTE.

FRUMENCIO, apontando para a garrafa,  
Que traz você ahi?

CLEONTE.

Adivinhe, se é capaz,  
O que esta garrafa traz!

FRUMENCIO, tomando a garrafa,  
Parece agua pura...

ANDRONICO, id.

Deixe ver. Nisto de bebidas brancas posso falar de  
cadeira. (Depois de cheirar.) E'. Cheira a agua.

CLEONTE, tomando a garrafa das mãos de Andronico,

Agua da Castalia fonte!  
Trouxe-a do apollineo monte!  
Sogro é amigo, um gole beba,  
E o dom das musas receba!

FRUMENCIO, hesitando,

Olhe não vá fazer mal...

CLEONTE.

Beba um gole bem taludo,  
E me dira se o illudo!

FRUMENCIO, toma a garrafa, hesita ainda, bebe afinal, e fica in-  
spirado, andando a passos largos de um lado para outro.

No meu cerebro se opera  
Singular transformação!  
E' meu miolo cratera,  
Minha cabeça volcão!...

AZELIA, assustada.

O papá ficou maluco!

(Cleonte tranquilisa-a com um gesto.)

FRUMENCIO.

Será isto uma chimera?

Será isto uma illusão?

— Minha filha, bebe um gole!...

AZELIA.

Eu?

FRUMENCIO.

Não tenhas medo! Vae!

(Azelia bebe e põe a garrafa sobre um dos bancos.)

Muito bem! Agora engole,

Tal qual engolio teu pae!

AZELIA, com os mesmos symptomas do pae, porém com lyrismo.

Ah! meu pae, que estranho goso!

Que suave sensação!

Que sonho delicioso!

Que encantadora visão!

FRUMENCIO, abraçando Cleonte e Azelia.

Filhos, por este systema

Poderão dar-me vocês

De vez em quando um poema...

CLEONTE.

E um poeta de quando em vez...

ANDRONICO, aparte.

Sou muito curioso... Sempre quero ver se realmente... (Bebe pela garrafa, sem que os outros vejam.)

CLEONTE, enquanto Andronico bebe e tem os symptomas caracteristicos.

A garafinha guardada  
Com mil cuidados vae ser:  
Toda a nossa filharada  
Versinhos ha de fazer,

ANDRONICO, explodindo, como se enlouquecesse de repente.

Que é isto? que sinto? que coisa exquisita!  
Que delicioso, que estranho calor!  
Nos estos da febre meu peito palpita!  
Sou mais um poeta que morre de amor!

CLEONTE.

Bebeu!...

AZELIA,

Bebeu!...

ANDRONICO.

Fui tentado...

Que é isto? não me dirá?...

FRUMENCIO.

Um poeta mais abonado

(Signal de dinheiro.)

No mundo inteiro não ha!

ANDRONICO.

Este liquido me afoga!  
Tenho cá dentro uma brasa!  
—Onde se vende esta droga?  
Eu quero ter della em casa!...

SCENA VII

FRUMENCIO, ANDRONICO, AZELIA, CLEONTE, MACHUCHO,  
depois a COMITIVA DE ANDRONICO.

AZELIA, a Machucho, que entra com uma trouxa na mão.

Não sabes? eu sou poetiza...  
Sei a linguagem da brisa,  
Do passarinho, da flôr...  
Meu Cleonte, de ora avante  
Serei muito mais amante,  
Amar-te-ei com mais fervor!

MACHUCHO, pasmado,

Heim?

FRUMENCIO, a Machucho.

Faço versos de improviso!  
Não posso em prosa falar!  
De alter-ego não preciso!  
Machucho, podes rodar!

MACHUCHO, id,

Deuzes immortaes!

ANDRONICO, a Machucho.

Tambem eu, por abelliudo,  
Da tal garrafa provei!  
Agora lá se vae tudo  
Quanto na praça ganhei!

MACHUCHO, a Cleonte.

Mas que é isto! De que meios  
Se serviu, senhor Cleonte,  
Para inspiral-os?

CLEONTE.

Mandei-os  
A todos beber da fonte!

ANDRONICO.

Quer o destino que eu viva  
De hoje em diante a versejar!

(Gritando para dentro.)

Olá! ó da comitiva!  
São horas! Toca a marchar!

(Entram os da comitiva, trazendo cada um uma garrafa ou um copo na mão. Vêm todos embriagados.)

CORO.

Aqui vimos ligeiros e promptos!  
Aqui vimos depressa a correr!  
Mas nós todos estamos tão tontos,  
Que já não nos podemos lamber!  
(continúa a musica em surdina até o final.)  
Tambem beberam!

ANDRONICO.

Por Baccho!  
Que respeitavel broega!

FRUMENCIO.

Isto é p'ra dar o cavaco!  
Deram-me cabo da adega!

ANDRONICO, <sup>a</sup> pertando a mão a Cleonte e Azelia.  
Sejam felizes.

CLEONTE.

Querendo,  
Venha buscar nova dose!

ANDRONICO.

E' um liquido estupendo !

(Vae apertar a mão a Frumencio.)

FRUMENCIO.

Fique para a apothese !

ANDRONICO.

Apothese !

CLEONTE.

O povo a exige.

AZELIA.

A apothese é de rigor !

FRUMENCIO.

De certo. No blesse ebjige.

TODOS, apontando para o fundo.

Aquelle é o reino do Amor !

Mutação Apothese.





# Errata

---

Entre as paginas 70 e 71 escapou á revisão o seguinte trecho :

APOLLO

Bom.—Eu, Phebo, vulgo Apollo,  
Que tem nome em fartura, *S/*  
Com cuja nomenclatura  
A assistencia não amollo,  
Vou dar a este mancebo  
O dom, *em* nada terrestre, *ei*  
De fazer versos sem mestre.

(A um signal de Apollo, Rhéa traz da fonte uma amphora cheia de agua e apresenta-a a Cleonte.)

Bébe!

(Vendo que Cleonte hesita.)

Bebes ou não?

CLEONTE, resolute

Bebo !

Bébe, e no mesmo instante fica inspirado, correndo de um lado para outro, olhando para o céu, esbugalhando os olhos e apartando os cabelos com os dedos.

Sim ! o sol dá inspiração  
Sobre o meu cerebro actua !

RHÉA (aparte)

Será o sol ou a lua ?

CUPIDO

Foi muito rapida a acção !

CLEONTE

Quero uma lyra tambem !  
Vou cantar a minha amada  
De saudades torturada !  
Quero uma lyra !

RHÉA, dando-lhe uma lyra.  
Aqui tem.



